



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**LETRAS - ESPANHOL E PORTUGUÊS
COMO LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

***KREYOL* NO BRASIL: LÍNGUA DE HERANÇA OU LÍNGUA MATERNA?
A REPRESENTAÇÃO DO CRIOULO HAITIANO POR SEUS FALANTES
IMIGRANTES QUE VIVEM NO BRASIL**

BECATRIE LORSA PIERRE LOUIS

Foz do Iguaçu
2022

**KREYOL NO BRASIL: LÍNGUA DE HERANÇA OU LÍNGUA MATERNA? A
REPRESENTAÇÃO DO CRIOULO HAITIANO POR SEUS FALANTES IMIGRANTES
QUE VIVEM NO BRASIL**

BECATRIE LORSA PIERRE LOUIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras - Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Simone Beatriz Cordeiro Ribeiro

Foz do Iguaçu
2022

BECATRIE LORSA PIERRE LOUIS

**KREYOL NO BRASIL: LÍNGUA DE HERANÇA OU LÍNGUA MATERNA? A
REPRESENTAÇÃO DO CRIOULO HAITIANO POR SEUS FALANTES IMIGRANTES
QUE VIVEM NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras - Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dra. Simone Beatriz Cordeiro Ribeiro
UNILA

Prof^a. Dra. Miriam Cristiany Garcia Rosa
UNILA

Prof. Dr. Wagner Barros Teixeira
UNILA

Foz do Iguaçu, 21 de dezembro de 2022.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): Becatrie Lorsa Pierre Louis

Curso: Letras - Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras.

	Tipo de Documento
<input checked="" type="checkbox"/> graduação	<input type="checkbox"/> artigo
<input type="checkbox"/> especialização	<input checked="" type="checkbox"/> trabalho de conclusão de curso
<input type="checkbox"/> mestrado	<input type="checkbox"/> monografia
<input type="checkbox"/> doutorado	<input type="checkbox"/> dissertação
	<input type="checkbox"/> tese
	<input type="checkbox"/> CD/DVD – obras audiovisuais
	<input type="checkbox"/>

Título do trabalho acadêmico: *KREYOL NO BRASIL: LÍNGUA DE HERANÇA OU LÍNGUA MATERNA? A REPRESENTAÇÃO DO CRIOULO HAITIANO POR SEUS FALANTES IMIGRANTES QUE VIVEM NO BRASIL*

Nome do orientador(a): Simone Beatriz Cordeiro Ribeiro

Data da Defesa: 21/12/2022

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Responsável

Dedico este trabalho aos meus pais, pelo apoio brindado e pela confiança que sempre depositaram em mim.

Merci beaucoup!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por direcionar meus passos, por colocar as pessoas certas na minha vida. Agradeço a minha família pelo apoio incondicional; aos meus pais por serem tão comprometidos com a formação do seus filhos; aos meus irmãos por me proporcionarem momentos incríveis e serem a fonte da minha pesquisa (Risos).

A minha irmã Loudmia, por ser quem fez minha matrícula na UNILA e desde então ser quem me ajudou com meus trabalhos. *Obrigacias* por despertar esse senso crítico sobre a vida.

Ao meu amor, por ser paciente e aguentar meus dias de luta. Obrigada!

Aos amigos que me acompanharam durante esta jornada. O ano 2020 foi um ano muito tenso e vocês foram uns dos motivos pelos quais não desisti de tudo.

A minha professora orientadora, Simone Beatriz Cordeiro Ribeiro, não só pela constante orientação neste trabalho, mas sobretudo pelo companheirismo e ser a pessoa que mais acreditou que tudo ia dar certo.

Aos professores da banca, Miriam Cristiany Garcia Rosa e Wagner Barros Teixeira, pela leitura deste texto e pelas valiosas contribuições.

Aos colegas de curso de Letras, Brasil, Colômbia, Peru, que sempre estiveram dispostos a ajudar e orientar os colegas. Posso dizer que enfim os meus trabalhos em grupo foram melhores com vocês.

A cada professor, através da sua didática, das suas experiências como pessoas e, também, com seus incentivos que contribuíram para me tornar esta universitária que eu sou hoje.

A Unila (Universidade Federal da Integração Latino-Americana) por existir, por oferecer esta oportunidade a tantos imigrantes que chegam no Brasil com muitos sonhos e por permitir a suas realizações.

Graças a esta família Unileira chegamos até aqui.

*Ou pa ka tronpem
Non, je ne vais pas marcher
C'est comme le café
L'odeur de ma terre
Tu ne peux pas me tromper
Non, ou pa ka achte'm
C'est comme le café
L'odeur de ma terre.
Emeline Michel*

PIERRE LOUIS, Becatrie Lorsa. ***Kreyol* no Brasil: língua de herança ou língua materna? A representação do crioulo haitiano por seus falantes imigrantes que vivem no Brasil.** 2022. 93 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

RESUMO

Desde o terremoto que ocorreu no Haiti em janeiro de 2010, o número de haitianos que emigraram para o Brasil aumentou de maneira considerável. Segundo dados do Relatório Anual do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra, 2020), de 2011 a 2019, foram registrados no país 1.085.673 imigrantes, considerando-se todos os amparos legais. Dentre eles, 54.182 eram imigrantes haitianos, dos quais alguns construíram famílias no Brasil e fizeram desta nação seu lar e/ou outros que ainda consideram voltar para o Haiti futuramente. Diante disso, ao pensar que já se passou mais de uma década desde o episódio mencionado e que, portanto, pode haver haitianos vivendo no Brasil a mais de 10 anos, este estudo tem como objetivo verificar com os próprios imigrantes haitianos que vivem no território brasileiro, percebem o uso, a manutenção e a promoção da sua língua materna, o *Kreyol*, e, a partir dessa representação, refletir sobre uma política de manutenção/incentivo do ensino e do uso do *Kreyol* como Língua Materna e/ou de Herança. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa e de natureza aplicada que foi desenvolvida por meio de um estudo exploratório e descritivo, tendo em vista que foi realizado um breve resgate histórico e político linguístico sobre o Haiti e a sua relação com as suas Línguas Oficiais: o Francês e o *Kreyol*, a partir dos estudos de Nunes (2021), Rodrigues (2008) e Pimentel, Cotinguiba e Ribeiro (2016), cujo levantamento bibliográfico versou ainda sobre a Sociolinguística e as Políticas Linguísticas (CALVET, 2002 e 2007; CEZÁRIO e VOTRE, 2009), e as suas concepções teóricas sobre línguas materna, segunda língua, língua de herança, línguas minoritárias e majoritárias com Ramos (2020), Ramos e Busse (2021), Boruchowski (s.n.), Pupp Spinassé (2006), entre outros, bem como sobre o conceito de migração, emigração e imigração (IMDH, 2014). Como instrumento de coleta de dados elaborou-se um questionário sociolinguístico que foi aplicado através de um formulário *on-line*. Esse questionário que possui 31 questões, divididas em três campos (A - dados pessoais e socioculturais; B - funções; C - atitudes), cujas respostas abertas tiveram como base fatores extralinguísticos, foi respondido por dez (10) participantes que apresentaram as suas percepções sobre o uso e a transmissão do *Kreyol* entre os seus descendentes nascidos no Brasil.

Palavras-chave: *Kreyol*; imigrantes haitianos no Brasil; língua materna; língua de herança; política linguística familiar; atitudes linguísticas.

PIERRE LOUIS, Becatrie Lorsa. **Kreyol nan Brezil: lang eritaj oswa lang matènèl? Repezantasyon kreyòl ayisyen pa moun k ap pale imigran li yo k ap viv nan peyi Brezil.** 2022. 93 paj. Travay konklizyon kou (Gradyasyon nan Literati - Panyòl ak Pòtigè kòm Lang Etranjè) - Inivèsite Federal Entegrasyon Amerik Latin, Foz do Iguazú, 2022.

REZUME

Depi tranblemanntè ki te fèt an Ayiti an janvyè 2010, kantite ayisyen ki te emigre nan peyi Brezil ogmante konsiderableman. Dapre done ki soti nan Rapò Anyèl Obsèvatwa Migrasyon Entènasyonal la (OBMigra, 2020), depi 2011 pou rive 2019, 1.085.673 imigran te anrejistre nan peyi a, avèk tout pwoteksyon legal. Pami yo, 54,182 sete imigran ayisyen, kèk ladan yo te bati fwaye yo nan Brezil epi fè nasyon sa a lakay yo e gen lòt ki toujou konsidere opsyon pou retounen an Ayiti alavni. Nan sans sa a, lè nou konsidere ke plis pase yon deseni pase depi epizòd sila a, ka gen Ayisyen kap viv nan Brezil pou plis pase 10 lane. Etid sa a gen pou objektif verifye ak imigran ayisyen yo ki rete sou teritwa brezilyen an, koman yo pèsevwa itilizasyon, antretyen ak pwomosyon lang matènèl yo, Kreyòl, epi, baze nou sou repezantasyon sa a, pou reflechi sou yon politik pou kenbe/ankouraje ansèyman ak itilizasyon Kreyol kòm Lang Matènèl ak/oswa Eritaj. Pou sa, nou te fè yon rechèch kalitatif ak aplike, kite devlope atravè yon etid eksploratwa ak deskriptif, yon brèf apreantasyon istorik ak lengwistik politik te fèt sou Ayiti ak relasyon li ak lang ofisyèl li yo : franse ak kreyòl, nou baze nou sou etud Nunes (2021), Rodrigues (2008) ak Pimentel, Cotinguiba avèk Ribeiro (2016), gen sondaj bibliyografik kite fèt sou Sosyolengwistik ak Politik Lengwistik (CALVET, 2002 e 2007; CEZÁRIO ak VOTRE, 2009), ak konsepsyon teyori yo. sou lang matènèl, dezyèm lang, lang eritaj, minorite ak lang majorite ak Ramos (2020), Ramos ak Busse (2021), Boruchowski (s.n.), Pupp Spinassé (2006) , pami lòt konsèp tannkou migrasyon, emigrasyon ak imigrasyon (IMDH, 2014). Kòm enstriman pou ramase done yo, nou te kreye yon kesyonè sosyolengwistik epi aplike atravè yon fòm sou entènèt. Kesyonè sa a, ki gen 31 kesyon, divize an twa domèn (A - done pèsonèl ak sosyokiltirèl; B - fonksyon; C - atitid), ki gen repons ouvè yo te baze sou faktè ekstralengwistik, te reponn pa dis (10) patisipan yo ki te prezante pèsepsyon yo. sou itilizasyon ak transmisyon Kreyol pami desandan yo ki fèt nan peyi Brezil.

Mo kle: Kreyol, imigran ayisyen nan Brezil; lang matènèl; lang eritaj; politik lengwistik fanmiye; atitid lengwistik.

PIERRE LOUIS, Becatrie Lorsa. **Kreyol en Brasil: ¿lengua de herencia o lengua materna? La representación del criollo haitiano por parte de sus hablantes inmigrantes residentes en Brasil.** 2022. 93 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

RESUMEN

Desde el terremoto ocurrido en Haití en enero de 2010, el número de haitianos que emigraron a Brasil aumentó considerablemente. Según datos del Informe Anual del Observatorio de Migraciones Internacionales (OBMigra, 2020), de 2011 a 2019 se registraron en el país 1.085.673 inmigrantes, considerando todas las protecciones legales. Entre ellos, 54.182 eran inmigrantes haitianos, algunos de los cuales construyeron familias en Brasil e hicieron de esta nación su hogar y/u otros que aún consideran regresar a Haití en el futuro. En vista de eso, considerando que pasó más de una década desde el episodio mencionado y que, por lo tanto, puede haber haitianos viviendo en Brasil por más de 10 años, este estudio tiene como objetivo verificar con los inmigrantes haitianos que viven en territorio brasileño, percibir el uso, mantenimiento y promoción de su lengua materna, el kreyol, y, a partir de esta representación, reflexionar sobre una política de mantenimiento/incentivo a la enseñanza y uso del kreyol como lengua materna y/o patrimonio. Para ello, se realizó una investigación cualitativa y aplicada, la cual se desarrolló a través de un estudio exploratorio y descriptivo, considerando que se realizó un breve rescate histórico y político lingüístico sobre Haití y su relación con sus Idiomas Oficiales: el francés y el criollo, a partir de sobre los estudios de Nunes (2021), Rodrigues (2008) y Pimentel, Cotinguiba y Ribeiro (2016), cuyo relevamiento bibliográfico también versó sobre Sociolingüística y Políticas Lingüísticas (CALVET, 2002 y 2007; CEZÁRIO y VOTRE, 2009), y sus concepciones teóricas sobre lengua materna, segunda lengua, lengua de herencia, lenguas minoritarias y mayoritarias con Ramos (2020), Ramos y Busse (2021), Boruchowski (s.n.), Pupp Spinassé (2006), entre otros, así como sobre el concepto de migración, emigración e inmigración (IMDH, 2014). Como instrumento de recolección de datos se elaboró y aplicó un cuestionario sociolingüístico a través de un formulario en línea. Este cuestionario, que consta de 31 preguntas, divididas en tres campos (A - datos personales y socioculturales; B - funciones; C - actitudes), cuyas respuestas abiertas se basaron en factores extralingüísticos, fue respondido por diez (10) participantes que presentaron sus percepciones sobre el uso y transmisión del kreyol entre sus descendientes nacidos en Brasil.

Palabras clave: *Kreyol*, inmigrantes haitianos en Brasil; lengua materna; lengua de herencia; política lingüística familiar; actitudes lingüísticas.

PIERRE LOUIS, Becatrie Louis. **Kreyol in Brazil: heritage language or mother tongue? The representation of Haitian Creole by its immigrant speakers living in Brazil.** 2022. 93 pages. Final Year Project (Graduation in Letters - Spanish and Portuguese as Foreign Languages) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

ABSTRACT

Since the earthquake that occurred in Haiti in January 2010, the number of Haitians who emigrated to Brazil has increased considerably. According to data from the Annual Report of the Observatory of International Migration (OBMigra, 2020), from 2011 to 2019, 1,085,673 immigrants were registered in the country, considering all legal protections. Among them, 54,182 were Haitian immigrants, some of whom built families in Brazil and made this nation their home and/or others who still consider returning to Haiti in the future. In view of this, considering that more than a decade has passed since the aforementioned episode and that, therefore, there may be Haitians living in Brazil for more than 10 years, this study aims to verify with the Haitian immigrants who live in Brazilian territory, perceive the use, maintenance and promotion of their mother tongue, Kreyol, and, based on this representation, reflect on a policy of maintaining/encouraging the teaching and use of Kreyol as a Mother Tongue and/or Heritage. To this end, a qualitative and applied research was carried out, which was developed through an exploratory and descriptive study, considering that a brief historical and linguistic political rescue was carried out on Haiti and its relationship with its Official Languages: French and Kreyol, based on studies by Nunes (2021), Rodrigues (2008) and Pimentel, Cotinguiba and Ribeiro (2016), whose bibliographic survey also dealt with Sociolinguistics and Language Policies (CALVET, 2002 and 2007; CEZÁRIO and VOTRE, 2009), and their theoretical conceptions about mother tongue, second language, heritage language, minority and majority languages with Ramos (2020), Ramos and Busse (2021), Boruchowski (s.n.), Pupp Spinassé (2006), among others, as well as on the concept of migration, emigration and immigration (IMDH, 2014). As a data collection instrument, a sociolinguistic questionnaire was created and applied through an online form. This questionnaire, which has 31 questions, divided into three fields (A - personal and sociocultural data; B - functions; C - attitudes), whose open responses were based on extralinguistic factors, was answered by ten (10) participants who presented their perceptions about the use and transmission of Kreyol among their descendants born in Brazil.

Key words: *Kreyol*, Haitian immigrants in Brazil; mother tongue; heritage language; family language policy; linguistic attitudes.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa do Haiti, e suas principais cidades	31
Figura 2 – Rotas de chegada dos haitianos no Brasil	43
Figura 3 – Ocupação dos imigrantes haitianos registrados na Polícia Federal ao longo de 2012 a 2016	45
Imagem 1 - <i>Bassin Bleu</i>	33
Imagem 2 – <i>Citadelle</i>	34
Imagem 3 – <i>Labadi</i>	35
Imagem 4 – <i>Palais Sans Souci</i>	35
Imagem 5 – <i>Akaden (Côtes des Arcadins)</i>	36
Quadro 1 - O crioulo haitiano como língua de herança e como língua materna em contexto de imigração	22
Quadro 2 – O crioulo haitiano como língua materna no Haiti	23
Quadro 3 – Perfil característico dos participantes	27
Quadro 4 – Tabulação da escala aplicada a questão 17	60
Quadro 5 – Sínteses dos dados levantados na questão 17	63
Gráfico 1 - Uso das línguas em atividades do dia a dia	57
Gráfico 2 – Tempo de moradia no Brasil	59
Gráfico 3 – Língua mais falada em casa	62
Gráfico 4 – Representatividade bilíngue dos filhos brasileiros dos imigrantes haitianos.	66

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AKA	Akademi Kreyol Ayisyen
CNIg	Conselho Nacional de Imigração
CONSUN	Conselho Universitário
IMDH	Instituto Migrações e Direitos Humanos
LE	Língua estrangeira
LH	Língua de Herança
LM	Língua Materna
OBMigra	Observatório das Migrações Internacionais
L1	Primeira língua
L2/ S2	Segunda língua
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana

SUMÁRIO

AUTO APRESENTAÇÃO	12
1 INTRODUÇÃO	15
2 METODOLOGIA	20
2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	20
2.2 O QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO	25
2.3 A DELIMITAÇÃO DOS PARTICIPANTES	26
3 DO HAITI PARA O BRASIL	30
3.1 HAITI	30
3.2 LÍNGUAS OFICIAIS: FRANCÊS E <i>KREYOL</i>	37
3.2.1 <i>Kreyol</i> : a Língua Crioula Haitiana	38
3.3 EMIGRAÇÃO HAITIANA	41
3.3.1 Brasil: um dos destinos migratórios dos haitianos	42
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	47
4.1 POLÍTICAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS SOB O VIÉS SOCIAL DA LINGUAGEM	47
4.1.1 Língua Minoritária, Língua Materna e Língua de Herança	49
5 A REPRESENTAÇÃO DO CRIOULO HAITIANO POR SEUS FALANTES IMIGRANTES QUE VIVEM NO BRASIL	55
5.1 DADOS SOCIOCULTURAIS DOS PARTICIPANTES	56
5.2 ESCALA DE FUNÇÃO EM RELAÇÃO À LÍNGUA PORTUGUESA	58
5.3 DADOS SOCIOCULTURAIS E DE FUNÇÃO RELATIVOS AOS FILHOS	65
5.4 ATITUDES EM RELAÇÃO AO <i>KREYOL</i> E AO HAITI	70
5.5 DE ONDE VIM, ONDE ESTOU, PARA ONDE VOU, ONDE PERMANEÇO	75
5.6 PARTICIPANTE 009: UM ESTUDO DE CASO	78
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	87
APÊNDICE	91
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO	92

AUTOAPRESENTAÇÃO

Sou do Haiti, uma ilha dividida com a República Dominicana. Nasci na capital, em Porto Príncipe, no ano de 1995. Cresci em uma família cristã, composta pelos meus pais e cinco irmãos. Eu tive uma infância divertida. Meus pais sempre estiveram presentes tanto para brincar, conversar, como para nos manter nos trilhos.

Para muitos, o Haiti é sinônimo de conflito(s) e de instabilidade(s) política(s). As minhas lembranças trazem a outra parte dessa realidade. Durante a minha infância, eu desfrutava das suas praças públicas aos domingos, depois de sair da igreja. O meu contato com minhas tias e com meus tios era muito próximo, inclusive aos finais de semana, junto com os meus primos. Com a minha avó também construí muitas lembranças divertidas, ela sempre tinha uma história para contar. Ela é uma pessoa maravilhosa.

O *Kreyol* durante toda minha vida teve um papel importante, apesar das influências escolares e da sociedade, tais como a falta do incentivo à prática e ao conhecimento dessa língua, a falta de produções fílmicas em *Kreyol*, entre outros. Na escola sempre foi cobrada a prática do Francês, o *Kreyol*, de certa forma, não era valorizado. Sempre havia essa preocupação em saber se expressar bem em Francês e em escrever a língua sem “erros” ortográficos. Apesar de o Francês ter as suas particularidades e empregabilidades, o *Kreyol* faz parte da nossa conexão familiar e constitui a nossa herança linguística originária.

Como a minha avó não sabe ler e escrever em Francês, não tem como compartilhar momentos nessa língua. Sempre é em *Kreyol* que ela traz as belezas de nossa língua e da nossa cultura. Minha avó é do norte do país, de *Cap-Haitien*, ela fala um *Kreyol* com variações, o que o torna diferente do falado na capital. Consequentemente, as palavras regionais e os contos regionais eram muito citados em casa e essa foi a única ponte que tive com minha parte nordestina, porque nunca fui conhecer aquela região.

Em 2010 vivenciei o terremoto que afetou o meu país e até hoje o Haiti ainda não se recuperou. A partir desse mesmo ano, minha família e eu nos mudamos para a República Dominicana. Os primeiros meses foram difíceis, já que ninguém falava bem o espanhol. Foi uma experiência e tanto. Continuei meus estudos e, com este contato mais próximo com o espanhol, aprendi a gostar da língua e da cultura, descobrindo suas particularidades.

Depois de dois anos vivendo na República Dominicana, novamente eu precisei me despedir de familiares e amigos, pois em 2012, em um dia frio, cheguei em São Paulo. Deste dia só consigo lembrar-me do frio que passei usando uma jaqueta Jeans. O processo de regularização dos documentos foi rápido e após um ano já estava no meu primeiro emprego, em uma cidade grande, em contato com uma nova língua e vivenciando novos desafios que me conduziam a encontrar um lugar nesta sociedade brasileira.

As minhas experiências de emprego sempre têm relação com o fato de eu falar várias línguas e, graças a isso, consegui um trabalho como vendedora no *Scarf-me*, uma loja de lenços. O que posso dizer é que as línguas me escolheram, porque a escolha não foi minha. No primeiro momento eu queria me formar em Engenharia, depois em Turismo. Porém, quando decidi entrar para a UNILA escolhi Letras e Relações Internacionais. Consegui entrar em Letras e desde então só foi confirmando essa escolha, através dos trabalhos acadêmicos, os projetos da Universidade e também essa convivência com outros estudantes da Colômbia, Equador, Costa Rica entre outros países.

Durante esta adaptação em solo brasileiro, eu ganhei um irmão que hoje tem 9 anos. O Jean é brasileiro e o Haiti é um conto de fadas para ele. Com a criação do Jean é muito interessante ver como ele lida com as três línguas (*Kreyol*, Francês e Português) em casa e apesar desse plurilinguismo ele não teve nenhum problema para se destacar na escola. Eu acho essa multiplicidade fascinante.

Em 2018, entrei na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila) no curso de Letras Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras. No começo, como a maioria dos estudantes, não sabia muito bem o que eu iria fazer no curso, a única certeza era a de que iria me tornar professora evidentemente. No transcorrer dos semestres letivos descobri partes muito interessantes deste mundo acadêmico e linguístico. Por fim, consegui dar um nome a cada fase e entender melhor as fases de desenvolvimento que o Jean viveu e, atualmente, vive.

Como imigrante passei a refletir sobre o processo de aprendizagem da língua do novo país de moradia. Com o contato com outros imigrantes morando no Brasil, a aquisição do português sempre apresentava processos diferentes e as questões sobre a cultura e os valores atribuídos à língua originária deixavam mais perguntas sobre como esses imigrantes enxergavam a própria língua. Depois de 10 anos, muitos haitianos já formaram suas famílias aqui no Brasil e, compartilhar um pouco mais dessa comunidade

haitiana inserida em solo brasileiro, se torna significativo.

Assim, a questão sobre qual papel ocupa o *Kreyol* nas famílias haitianas, seja no contexto imigrante ou não, se torna a curiosidade de muitos. Para responder a esta curiosidade é preciso refletirmos sobre a história do povo haitiano, romper com estereótipos advindos de uma visão externa, nutrida por discursos que promovem uma cultura linguística em detrimento de outra, passarmos a ver a o *Kreyol* como nossa língua originária, lutarmos para que ela ocupe o seu lugar de direito como língua oficial do Haiti e seja reconhecido nas diversas esferas políticas e comunicativas que conformam o país.

Para tanto, orientada por essas reflexões e com vistas a compreender a representatividade que o *Kreyol* tem como língua materna (LM) e língua de herança (LH), principalmente no âmbito imigratório, o interesse pelo tema surgiu durante a disciplina de Políticas Linguísticas, ministrada pela Profa. Simone Beatriz Cordeiro Ribeiro e pelo Prof. Wagner Barros Teixeira nas aulas do curso de LEPLÉ da Unila. Esse componente curricular teve como objetivo: abordar conceitos sobre língua, linguagem e política; localizar os estudos sobre política e planejamento linguístico; introduzir as perspectivas metodológicas em política e planejamento linguístico; compartilhar e gerar reflexão sobre alguns estudos de casos no âmbito da América Latina e Caribe; refletir sobre os direitos linguísticos como direitos humanos e em como/quando as barreiras linguísticas geram violação dos direitos humanos.

Assim, norteadas por leituras de autores como Louis-Jean Calvet (1996); Enrique Hamel Rainer (1995) e também Kanavillil Rajagopalan (2013), que tratam sobre a língua, as políticas linguísticas, a política em relação à linguagem e as questões éticas, escrevo este Trabalho de Conclusão de Curso sobre a representatividade do *Kreyol* como língua materna e língua de herança para os imigrantes e seus descendentes que vivem no Brasil.

1 INTRODUÇÃO

Desde o terremoto que ocorreu no Haiti em janeiro de 2010, o número de haitianos que emigraram para o Brasil aumentou de maneira considerável. Segundo os dados do Relatório Anual do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra, 2020), de 2011 a 2019, foram registrados no país 1.085.673 imigrantes, considerando-se todos os amparos legais. Dentre eles, 54.182 eram imigrantes haitianos, dos quais alguns construíram famílias no Brasil e fizeram dessa nação seu lar e outros que ainda consideram voltar para o Haiti futuramente.

Diante disso, ao pensar que já se passou mais de uma década desde o episódio mencionado e que, portanto, pode haver haitianos vivendo no Brasil há mais de 10 anos, entendemos ser necessário refletir sobre a manutenção e a transmissão do *Kreyol* entre esses imigrantes e seus descendentes, tendo em vista que essa é a Língua Materna (LM) do haitiano que saiu do seu país de origem em busca de novas oportunidades em outra nação. Isso para mencionar apenas uma das línguas faladas no Haiti, já que o país possui o par Francês/*Kreyol* como línguas oficiais.

No contexto brasileiro, em que muitos dos imigrantes haitianos estão inseridos, ademais de trazerem consigo a sua Língua Primeira (LP), o *Kreyol*, frequentemente utilizada no dia a dia e no contexto familiar, contribuindo para manter entre seus entes a sua herança linguística viva, precisam aprender uma Segunda Língua (SL), neste caso, a Língua Portuguesa que é a Língua Oficial brasileira.

Nesse processo de aquisição de uma SL, por vezes, a LM dos imigrantes fica restrita a situações especificamente familiares. Inclusive, corre-se o risco de não transmiti-la entre os seus descendentes, que não veem na língua de berço dos seus pais e avós uma conexão com a sua própria ascendência.

Sendo assim, defender o *Kreyol* como LM e/ou Língua de Herança (LH), no Brasil, é importante não apenas pela promoção de sua manutenção, mas também pela valorização linguístico-cultural que essa língua representa aos imigrantes haitianos que buscam refúgio e melhores condições de vida em outra nação, pois como enfatizam Pimentel, Cotinguiba e Ribeiro (2016, p. 33), ao parafrasear Spears *et. al* (2012), “no crioulo está grande parte da identidade do povo haitiano”.

Portanto, ao pesquisar sobre o uso e a manutenção da LM desses haitianos imigrantes que vivem no Brasil, procuro refletir sobre a representação que seus falantes e seus descendentes possuem a respeito do *Kreyol*, uma herança

linguístico-cultural de seus pais e avós que, ademais da culinária haitiana que ainda é muito praticada em solo brasileiro, pode estar sendo ou não repassada de geração em geração.

Partimos da hipótese de que o *Kreyol* esteja passando por um processo de apagamento linguístico, neste caso, em solo brasileiro, principalmente, pelo desuso ou não aprendizagem dos descendentes dos imigrantes haitianos, situação parecida com a que vivo em minha própria família. Tenho um irmão de 9 anos, descendente de haitianos, nascido no Brasil, que ainda não fala o *Kreyol*. O mesmo ocorre com crianças haitianas que vieram pequenas, com 4 ou 5 anos de idade, do Haiti ao Brasil e, assim, perderam a fluência que tinham do *Kreyol*.

Podemos acrescentar também que a falta de investimentos e políticas voltadas tanto para elaboração de materiais didáticos sobre o *Kreyol*, tais como gramáticas e dicionários do uso oral e escrito do crioulo, como para a equidade do peso entre o *Kreyol* e o Francês no Haiti, tenham contribuído para que os haitianos que migraram para outros países, como o Brasil, não reconheçam o *Kreyol* como uma marca linguístico-cultural identitária, como uma representação da nação e do seu povo.

No que diz respeito ao contexto deste estudo, entendemos que, se há trocas bi/multilíngues entre os imigrantes haitianos, existe a manutenção e a prática do uso do *Kreyol* LM, mas se não há uma interação bi/multilíngue entre eles é provável que estejamos diante de um apagamento linguístico, em que a Língua Portuguesa pode estar ocupando o lugar de LM desses imigrantes. Podemos mencionar ainda outra ponta advinda dessa relação: qual é a língua primeira dos filhos e netos, nascidos no Brasil, desses imigrantes haitianos? O *Kreyol* ou o Português ou ambas? Por conseguinte, é importante refletir a esse respeito e em como os descendentes de haitianos se identificam com o *Kreyol*, uma vez que, por inúmeros motivos, essa língua pode não estar sendo ensinada ou repassada oralmente àqueles que hoje são/tornaram-se falantes de português língua materna.

Acreditamos que, mesmo diante do deslocamento migratório que inseriu os imigrantes haitianos em um ambiente de contato com o Português Brasileiro, muitos deles ainda fazem uso do *Kreyol* nas trocas comunicativas entre si e entre os seus descendentes. No entanto, nem sempre essa interação ocorre entre os falantes. Considerando minha própria situação enquanto imigrante a o contexto de minha família no Brasil, percebendo o apagamento linguístico do *Kreyol* dado que meus irmãos mais novos não o dominam, questiono: 1. Como se dá a manutenção ou o incentivo do uso do

Kreyol entre os imigrantes haitianos que vivem no Brasil?, 2. A sua prática ou não, caracteriza-se como fruto de trocas comunicativas em torno de um viés de empregabilidade de Língua Materna ou suscita um resgate linguístico cultural sob o viés de Língua de Herança?

Para tentarmos responder a essas perguntas, esperamos verificar como os próprios imigrantes haitianos que vivem no território brasileiro, veem o *Kreyol* e, a partir dessa representação, refletir sobre a necessidade de políticas familiares de manutenção/incentivo do uso do *Kreyol* haitiano como Língua Materna ou de Herança. Por conseguinte, objetivamos especificamente:

- (1) resgatar alguns dados da origem do *Kreyol* e relacioná-los ao contexto histórico-político do Haiti;
- (2) ilustrar alguns fatos sobre o valor do *Kreyol*, em relação ao Francês, para o povo haitiano;
- (3) refletir sobre a representação que os haitianos têm da sua LM, o *Kreyol*, em relação à Língua Francesa e com a construção da sua identidade;
- (4) verificar se os haitianos imigrantes participantes desta pesquisa fazem uso do *Kreyol* e se desenvolvem ações de manutenção e de ensino dessa língua para com os seus descendentes;
- (5) verificar qual é a Língua Materna dos descendentes de haitianos imigrantes que vivem no Brasil;
- (6) refletir sobre os depoimentos de cada participante, com ênfase na manutenção e na promoção do *Kreyol* como Língua Materna ou Língua de Herança.

Diante disso, pelo seu caráter aplicado, este estudo desenvolve-se por meio da pesquisa qualitativa, uma vez que os dados levantados por meio da aplicação de um questionário sociolinguístico com imigrantes haitianos que vivem no Brasil foram interpretados a partir dos valores atribuídos ao *Kreyol* como LH ou LM e também o papel do *Kreyol* na história haitiana. Para tanto, também serviram de subsídios os pressupostos teóricos e metodológicos da pesquisa exploratória e descritiva, momento em que foi realizado um breve resgate histórico e político linguístico sobre o Haiti e a sua relação com as suas duas Línguas Oficiais: o Francês e o *Kreyol*. O levantamento bibliográfico versou ainda sobre a Sociolinguística (CALVET, 2002 e 2007; CEZÁRIO e VOTRE, 2009,) e as suas concepções teóricas sobre LM, SL, LE e LH com Pupp Spinassé (2006), Ramos (2020), Ramos e Busse (2021), Boruchowski (s.n.), entre outros, bem como sobre o conceito de migração, emigração e imigração (IMDH, 2014).

Como instrumento de coleta de dados escolhi o questionário sociolinguístico, aplicado através de um formulário *on-line*, elaborado por meio de questões descritivas e de escala. As perguntas visavam respostas livres, abertas e curtas, que levaram em conta diversos fatores extralinguísticos, como: a idade, o gênero, a escolaridade, a profissão, etc, dos participantes, e foram divididas em 3 eixos: dados pessoais e socioculturais; atitudes; e função (escala de bem, regular e mal). Para a análise procuro articular as trinta e uma (31) perguntas com vista a interpretar e a refletir por temáticas que se correlacionassem. Inclusive, faço uso de dados gerados pelos questionários no capítulo metodológico e um adendo por meio de um breve estudo de caso.

Para tanto, disponho o presente Trabalho de Conclusão de Curso em seis partes principais que procuram descrever, expor e argumentar sobre a temática desta pesquisa. Assim, o Capítulo 1, ao descrever o conteúdo tecido em nosso estudo, traz a “Introdução”. Na sequência temos o Capítulo 2 que trata da metodologia de pesquisa, apresentada, principalmente, através dos estudos de Gerhardt e Silveira (2009), entre outros estudiosos. Este capítulo metodológico está dividido em 3 seções: 2.1 Procedimentos metodológicos, que traz a abordagem da pesquisa: qualitativa; a sua natureza; aplicada; os objetivos: exploratória e descritiva; os procedimentos: levantamento bibliográfico e documental, estudo de caso; e o instrumento de coleta de dados: questionário sociolinguístico; 2.2 O questionário Sociolinguístico, em que apresentamos o processo de elaboração e de aplicação; e 2.3 A delimitação dos Participantes, que descreve como delimitamos os sujeitos da pesquisa e o campo da amostragem.

Diante do fato do nosso campo de amostragem estar atrelado a nossa delimitação dos participantes (imigrantes haitianos que vivem atualmente no Brasil e que tiveram filhos brasileiros), optamos por desenvolver um capítulo de contextualização histórica, geográfica e linguística sobre o Haiti. Sendo assim, o Capítulo 3 traz algumas informações histórico-culturais sobre a nação haitiana; uma reflexão a respeito das suas Línguas Oficiais (Francês e *Kreyol*); uma descrição sucinta referente ao contexto de emigração haitiana para o Brasil, as causas dessa emigração e as relações do Brasil com o Haiti neste período.

No Capítulo 4 tratamos da fundamentação teórica basilar desta pesquisa. Para tanto, apresentamos, em 4.1, uma exposição sobre a Sociolinguística com Calvet (2002), em que adentramos no campo das Políticas e Atitudes Linguísticas partindo de Calvet (2002, 2007), Oliveira (2013), Rajagopalan (2013), Aguilera (2008), e outros. Na

sequência abordamos, em 4.1.1, os conceitos de Língua Minoritária e Majoritária, Língua Materna (LM), Segunda Língua (SL), Língua Estrangeira (LE) e Língua de Herança (LH), principalmente, a partir das discussões de Pupp Spinassé (2006).

O capítulo cinco traz a análise-reflexiva delineada neste estudo e está organizado em 6 partes temáticas: 5.1 Questionário: dados socioculturais, em que analisamos os dados socioculturais dos participantes; 5.2 Escala de função em relação à Língua Portuguesa; 5.3 Dados socioculturais e de função relativos aos filhos, no que compreende o Português e o *Kreyol*; 5.4 Atitudes em relação ao *Kreyol* e o Haiti, uma relação representativa entre a língua e a história de origem; 5.5 De onde vim, onde estou, para onde vou, os possíveis motivos que trouxeram os participantes da pesquisa para o Brasil e a perspectiva de retorno ou não ao Haiti; 5.6 Estudo de caso, em que apresentamos um relato sobre um dos participantes do estudo, a partir do qual surgiu o interesse temático desta pesquisa.

Nas conclusões apresentamos os objetivos alcançados, a resposta que obtivemos para a problemática e a sua relação com a hipótese levantada, bem como a reflexão que chegamos a partir dos resultados obtidos, tendo em vista que desenvolvemos a pesquisa procurando verificar se para os descendentes brasileiros dos imigrantes haitianos, a manutenção ou fomento do *Kreyol* seria como Língua Materna ou Língua de Herança.

2 METODOLOGIA

Neste capítulo, pretendemos apresentar os procedimentos metodológicos aplicados na realização deste trabalho. Sendo assim, o capítulo está dividido em 3 seções: 2.1 Procedimentos metodológicos; 2.2 O questionário Sociolinguístico; e 2.3 A delimitação dos Participantes.

A partir das disposições de Gerhardt e Silveira (2009), entendemos que este estudo, pela sua natureza aplicada, realiza uma análise-reflexiva de caráter interpretativo, a partir de uma pesquisa exploratória e descritiva, uma vez que fizemos uso de uma revisão de bibliografia com vistas a discorrer a respeito da base teórica do estudo, bem como de um levantamento bibliográfico e documental sobre o Haiti, cujos referenciais contribuíram para a elaboração, a aplicação e a reflexão dos dados levantados por meio do questionário sociolinguístico (Apêndice A), respondido pelos imigrantes haitianos que moram no Brasil com os seus filhos haitianos e/ou os nascidos em solo brasileiro.

O questionário sociolinguístico, aplicado por meio de um formulário *on-line*, foi o instrumento de levantamento de dados selecionado para esta pesquisa, tendo em vista a maior abrangência desta ferramenta na atualidade e as possibilidades de alcance de um número maior de participantes, pois estes poderiam residir em qualquer parte do território brasileiro. O questionário possui 31 questões, divididas em três campos (A - dados pessoais e socioculturais; B - atitudes; C - funções), cujas respostas abertas tiveram como base fatores extralinguísticos.

No que se refere à delimitação dos participantes, tendo em vista a temática da pesquisa e o objetivo geral do estudo, esses correspondem aos imigrantes haitianos que tiveram filhos no Brasil. Para melhores resultados deste trabalho, os participantes deveriam estar no Brasil no período de resposta do questionário, contudo sem ter a obrigatoriedade de estar na cidade de Foz de Iguaçu.

2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa corresponde a um estudo qualitativo e de natureza aplicada, uma vez que busca refletir sobre as percepções dos imigrantes haitianos no uso do *Kreyol* como LM e/ou LH. Diante disso, por ser de caráter aplicado e interpretativo, este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo gerar conhecimentos para

aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Portanto, é importante mencionar que dentro da pesquisa qualitativa o pesquisador visa interpretar os dados levantados e observados, pois “o objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações” (DESLAURIERS, 1991, p. 58 apud, GERHARDT; SILVEIRA, 2009,p.32).

Quanto aos objetivos, ademais de qualitativo e aplicado, este estudo também possui um caráter exploratório e descritivo, pois visa “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 35) e pelo fato de exigir uma série de informações sobre o que deve ser pesquisado, como menciona Triviños (1987, p. 110), esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade. Para tanto, optou-se também pelo estudo de caso¹ a fim de refletir sobre as vivências e percepções das pessoas, neste contexto, os imigrantes haitianos que tiveram filhos no território brasileiro, no sentido de descrevê-las a partir dos dados levantados e, a partir destes, compreender e interpretar as representações advindas da ótica dos próprios participantes.

Sendo assim, primeiramente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica que, segundo Fonseca (2002 *apud* GERHARDT; SILVEIRA, 2009), compreende o levantamento de referenciais teóricos já refletidos e analisados e que, por sua vez, são usados para “recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta” (FONSECA, 2002 *apud* GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32), com foco na Sociolinguística, a partir dos pressupostos teóricos de Calvet, 2002 e 2007; Cezário e Votre, 2009. A fim de refletir sobre os conceitos e aplicações dos construtos de língua materna e língua de herança, foram basilares os estudos de Ramos (2020), Ramos e Busse (2021), Boruchowski (s.n.), entre outros. Considerando a delimitação dos participantes em imigrantes haitianos e seus descendentes em território brasileiro, discorreu-se a respeito dos conceitos de migração, emigração e imigração (IMDH, 2014), com vistas a gerar dados que fundamentassem a reflexão que se propõe neste estudo.

Através da análise documental recorreremos “a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas,

¹ Optamos pelo estudo de caso com vista a “compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador” (FONSECA, 2002, p. 33 *apud* GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 39).

relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, [...] etc” (FONSECA, 2002 *apud* GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32), para tratar as questões sobre migração, as línguas oficiais do Haiti, a origem do *Kreyol* e o papel de ambos na comunidade haitiana que mora no Brasil.

Quanto à revisão bibliográfica de caráter mais específico em torno da temática deste estudo, definiu-se para o levantamento bibliográfico as seguintes palavras-chave: “crioulo haitiano como língua de herança” e “crioulo haitiano como Língua Materna em contexto de imigração”, para as quais os resultados foram os seguintes:

Quadro 1 - O crioulo haitiano como língua de herança e como língua materna em contexto de imigração

ANO	AUTOR	TÍTULO	ENDEREÇO DE ACESSO	GÊNERO TEXTUAL
2016	Marília Pimentel Cotinguiba, Geraldo Castro Cotinguiba, Ailton Artur da Silva Ribeiro	O crioulo haitiano e o seu reconhecimento político	https://doi.org/10.5102/uri.v14i1.3921	Artigo (publicado em livro)
2017	Gabriela da Silva Bulla 1, Rodrigo Lages e Silva2, Júlia de Campos Lucena3, Leandro Paz da Silva	Imigração, Refúgio E Políticas Linguísticas No Brasil: Reflexões Sobre Escola Plurilíngue E Formação De Professores A Partir De Uma Prática Educacional Com Estudantes Haitianos	https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/164981	Artigo publicado em revista (<i>Organon</i>)
2019	Adèle Raux-Copin	La transmission de la langue d'héritage au sein d'églises chrétiennes fondées par des immigrants à Montréal : idéologies et socialisation linguistiques	https://www.researchgate.net/profile/Amal-Haroun-2/publication/347467401_Regards_croises_sur_la_transmission_Actes_du_2eme_colloque_annuel_du_departement_danthropologie_a_l'UdeM_CADA_2019/links/5fd019945851553a0cdefa5/Regards-croises-sur-la-transmission-Actes-du-2eme-colloque-annuel-du-departement-danthropologie-a-l'UdeM-CADA-2019.pdf#page=73	Artigo em livro (Regards croisés sur la transmission Actes du 2ème colloque annuel du département d'anthropologie à l'UdeM (CADA), 2019)
2020	Carline	L'étude de l'utilisation du	https://scholarworks.gsu	Dissertação

	Montreuil	créole dans les familles haïtiennes vivant dans la partie centrale nord de l'état de géorgie	.edu/mcl_theses/48/	
--	-----------	--	---------------------	--

Fonte: Sistematização da autora a partir de uma pesquisa na internet.

Quadro 2 - O crioulo haitiano como língua materna no Haiti

ANO	AUTOR	TÍTULO	ENDEREÇO DE ACESSO	GÊNERO TEXTUAL
1987	Valdman, Albert	Le cycle vital créole et la standardisation du créole haïtien	https://hdl.handle.net/2022/23313	Artigo
1997	Saint-Germain, M.	Problématique linguistique en Haïti et réforme éducative: quelques constats.	https://www.erudit.org/fr/revues/rse/1997-v23-n3-rse1841/031954ar/	Artigo (revista)
2017	GOVAIN, Renault	Pour une politique linguistique en Haïti aujourd'hui.	https://lenouvelliste.com/article/19490/pour-une-politique-linguistique-en-haiti-aujourd'hui	Artigo

Fonte: Sistematização da autora a partir de uma pesquisa na internet.

Os Quadros 1 e 2 trazem alguns resultados relativos à temática do estudo na perspectiva de manutenção/incentivo do crioulo haitiano como LH ou LM, em uma busca realizada no *Google Acadêmico*. No artigo de Marília Pimentel Cotinguiba, Geraldo Castro Cotinguiba e Ailton Artur da Silva Ribeiro, intitulado “O crioulo haitiano e o seu reconhecimento político”, publicado em 2016, os autores discutem sobre a questão do crioulo, trazendo as diversas fases pelas quais o *Kreyol* passou desde o período colonial até o momento que esta língua passou a ser considerada como língua oficial no Haiti. Os pesquisadores mencionam ainda o papel da elite haitiana como um dos obstáculos para o desenvolvimento do *Kreyol*, já que de certa forma pressiona a massa através da língua.

No artigo de Gabriela da Silva Bulla, Rodrigo Lages e Silva, Júlia de Campos Lucena e Leandro Paz da Silva, intitulado “Imigração, Refúgio e Políticas Linguísticas no Brasil: Reflexões sobre Escola Plurilíngue e Formação de Professores a partir de uma prática educacional com estudantes haitianos”, publicado em 2017, identificamos informações sobre o processo de migração do Brasil, dados sobre a migração haitiana e como talvez iniciou o interesse dos haitianos em vir para o Brasil.

No artigo de Adèle Raux-Copin, intitulado “La transmission de la langue d'héritage au sein d'églises chrétiennes fondées par des immigrants à Montréal:

idéologies et socialisation linguistiques”, publicado em 2019, observamos o debate em torno do papel religioso na transferência de uma língua de herança. A autora traz informações sobre cinco igrejas que usam a língua minoritária da comunidade e os discursos de alguns participantes sobre a sua importância.

No texto “L'étude de l'utilisation du créole dans les familles haïtiennes vivant dans la partie centrale nord de l'état de géorgie”, publicado em 2020, por Carline Montreuil, esta apresenta os motivos pelos quais alguns imigrantes haitianos não escolherem utilizar o *Kreyol* no meio familiar.

Já no artigo de 1987, “Le cycle vital créole et la standardisation du créole haïtien”, Albert Valdman apresenta a educação do Haiti dentro do contexto bilíngue, a situação linguística do país, a variação e a ortografia do *Kreyol*.

Em “Problématique linguistique en Haïti et réforme éducative: quelques constats”, escrito por M. Saint-Germain e publicado em 1997, temos um levantamento da porcentagem da população que domina o Francês, no que compreende o período do estudo, e as explicações sobre o porquê da língua materna de todos os haitianos ser o crioulo.

Por fim, no artigo de Renauld Govain, intitulado “Pour une politique linguistique en Haïti aujourd'hui”, de 2017, o autor discorre sobre as línguas oficiais do Haiti, o Francês e o *Kreyol*, e traz uma reflexão sobre o uso dessas línguas.

Destacamos que tanto os referenciais teóricos como os documentais foram fundamentais para esta tessitura discursiva, bem como para a escolha e elaboração do instrumento de levantamento de dados e para a delimitação dos participantes, cujos resultados gerados nos levaram a realizar um breve estudo de caso, em que apresentaremos a situação linguístico-cultural vivenciada pela família de um dos participantes da pesquisa, em torno das relações existentes entre as línguas portuguesa e crioula, cujas práticas oscilam entre manutenção e apagamento linguístico.

Portanto, para refletir a respeito da percepção que os imigrantes haitianos e seus descendentes têm do *Kreyol* enquanto herança linguístico-cultural de suas origens, na próxima seção, discorre-se sobre o questionário sociolinguístico, para na sequência tratar sobre a delimitação e o perfil dos participantes, tendo em vista que a língua faz parte da nação e influencia sobre a cultura e como os habitantes se enxergam como parte dela.

2.2 O QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO

Como ferramenta de pesquisa escolhemos o questionário, cuja elaboração é feita pelo pesquisador e o preenchimento é realizado pelo participante. O questionário caracteriza-se por ser “um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do pesquisador” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 69). Por conseguinte, por se tratar de um instrumento de levantamento de dados em que não há, necessariamente, uma interação entre o pesquisador e o participante, a linguagem utilizada no questionário precisa ser simples e direta para que o participante compreenda, de maneira mais clara possível, o que se espera em cada pergunta (KAUARK, 2010).

O questionário (Apêndice A) elaborado e aplicado neste estudo contém trinta (30) perguntas abertas e uma (1) de escala (questão 17), às quais o participante pôde responder da forma que desejasse, tendo em vista as suas considerações e percepções em relação ao *Kreyol* e a seu uso em situação de imigração. Quanto à sua organização, o questionário aplicado possui 3 campos (A - dados pessoais e socioculturais; B - função; C - atitudes). O campo A visa levantar dados relativos a idade, local de nascimento, profissão, tempo de moradia no Brasil, a sua língua materna, bem como a de seu(s) filho(s), se fala outras línguas, entre outras informações pessoais e socioculturais. O campo B traz ponderações sobre as a percepção dos participantes quanto ao uso da língua portuguesa e da crioula em diversos contextos em solo brasileiro, desde a utilização destas línguas em situações formais e informais do dia a dia, seja na interação com brasileiros ou haitianos. Por fim, o campo C apresenta as percepções dos imigrantes haitianos em resposta aos questionamentos que versavam sobre o Haiti, as suas relações com o *Kreyol* e o que ele representa para si, qual a opinião de cada participante sobre a transmissão do *Kreyol* para seus filhos, como também como esta língua é vista pela comunidade haitiana tanto nas interações cotidianas quando no contexto escolar em que há o predomínio da língua majoritária do país, a Francesa.

É justamente esse caráter extralinguístico e social da linguagem que caracteriza este questionário como sociolinguístico, pois visa refletir sobre a herança linguística, neste caso do *Kreyol*, com relação à comunidade haitiana imigrante que vive no Brasil com os seus filhos haitianos e brasileiros. Logo, este questionário foi aplicado com vistas a interpretar os dados fornecidos pelos participantes, para, na sequência, fomentar a proposição de políticas familiares de manutenção e de promoção do *Kreyol*

nas comunidades de imigrantes haitianos.

Para tanto, foi imprescindível refletir sobre o perfil dos participantes no momento de elaboração do questionário, bem como em uma possível reformulação da delimitação, tendo em vista que a pesquisa é um exercício sempre em construção, passível de reestruturação, cujas hipóteses nem sempre se apresentam conforme aquilo que acreditamos ser/ocorrer de fato. Portanto, na seção seguinte apresentamos como definimos a delimitação dos 10 sujeitos que participaram da pesquisa.

2.3 A DELIMITAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Certos critérios foram estabelecidos para a seleção dos participantes, como, por exemplo, serem imigrantes haitianos morando, atualmente, no Brasil e possuírem filhos ou filhas nascidos em solo brasileiro; fazerem uso da língua portuguesa, a fim de avaliarem as perspectivas ideológicas a respeito das suas línguas e culturas de herança em comparação e/ou contraste com a língua e a cultura de acolhimento.

Tendo em vista o vínculo acadêmico com a Unila desde 2018, optamos por aplicar o questionário sociolinguístico aos estudantes desta universidade e, em decorrência da delimitação apresentada no parágrafo anterior, estendemos o preenchimento do instrumento de coleta de dados aos conhecidos desses alunos. Portanto, uma parte dos participantes são estudantes da Unila, moradores de Foz de Iguaçu e a outra é composta por sujeitos que vivem em outras cidades.

Diante disso, centramos a delimitação nos participantes e não exclusivamente no campo de análise. Isto é, dado o perfil delineado consideramos complexo definir um perímetro a nível municipal ou até mesmo estadual, haja vista o prazo para a execução do TCC e a logística de contato e acesso a esses participantes. Dessa forma, decidimos por uma amostragem aleatória em âmbito nacional, assim, quem se enquadrava no perfil solicitado, independente da cidade brasileira em que estava residindo, poderia responder ao questionário.

Destacamos que apesar de o campo de análise ter sido abrangente, foram poucas pessoas que responderam o questionário, como pode ser observado no Quadro 3 que traz o perfil dos participantes:

Quadro 3 - Perfil característico dos participantes

Participante	Sexo	Idade	Escolaridade	Nacionalidade	Cidade de nascimento	Cidade de moradia atual	Tempo de moradia no Brasil	Língua Materna	Língua(s) que fala	Língua dos avós
001	M	33	Estudo superior	Haitiano (a)	Cap- Haitian	Foz do iguacu	10 anos	Kreyol	Crioulo, Francês, português	Crioulo
002	M	31	Estudo superior	Haitiano (a)	Port- de-Paix	Salvador	10 anos e 6 meses	Kreyol	Crioulo, Francês, português, inglês, espanhol	Crioulo
003	F	28	Estudo superior incompleto	Haitiano (a)	Petit-Goave	Foz do Iguacu	7 anos	Kreyol	Crioulo, Francês, português	Crioulo
004	M	35	Estudo superior incompleto	Haitiano (a)	Marchand Dessalines	Foz do Iguacu	8 anos	Kreyol	Crioulo, Francês, português	Crioulo
005	F	26	Estudo superior incompleto	Haitiano (a)	Saint-Marc	Foz do Iguacu	4anos	Kreyol	Crioulo, Francês, espanhol, português	Crioulo
006	F	35	Estudo superior	Haitiano (a)	Port-au-Prince	Foz do Iguacu	4 anos	Kreyol	Crioulo, Francês, português	Crioulo
007	F	29	Curso Profissional	Haitiano (a)	Gonaives	Toledo	6 anos	Kreyol	Crioulo, Francês, português	Crioulo
008	M	35	Técnico	Haitiano (a)	Marchand Dessalines	Toledo	7 anos	Kreyol	Crioulo, Francês, português	Crioulo
009	F	51	Estudo superior incompleto	Haitiano (a)	Port-au-Prince	Foz do Iguacu	10 anos 3 meses	Kreyol	Crioulo, Francês, português	Crioulo
010	F	30	Estudo superior incompleto	Haitiano (a)	Port-au-Prince	Foz do Iguacu	7 anos	Kreyol	Crioulo, Francês, português, inglês.	Crioulo

Fonte: Sistematização da pesquisadora a partir dos dados pessoais e socioculturais dispostos no questionário sociolinguístico.

O Quadro 3 traz a caracterização dos participantes a partir dos dados pessoais e socioculturais apresentados no questionário sociolinguístico, cujas informações serviram de base para a análise e reflexão das demais considerações disponibilizadas pelos participantes no preenchimento desse instrumento de levantamento de dados.

Todos os participantes têm filhos nascidos no Brasil e se encaixam no perfil de trabalhador, com possível vínculo com algum curso profissionalizante e também formados pela Unila. Inclusive, como pode ser observado no Quadro 3, que traz uma síntese do perfil dos participantes, seis (6) participantes são do sexo feminino e quatro (4) do sexo masculino; possuem idade entre 26 e 51, sendo que quatro (4) estão na faixa etária de 26 a 30 anos, cinco (5) tem entre 31 e 35 anos, e um (1) está com 51 anos; todos são haitianos e tem o *Kreyol* como LM, como também são falantes de Francês LM e português SL; três (3) deles possuem Ensino Superior completo, quatro (5) Ensino Superior incompleto, um (1) Técnico e um (1) curso profissionalizante.

Sobre a origem dos participantes: um (1) é da cidade de *Petit-Goave*, região Sul do Haiti; três (3) dos participantes são da capital, Porto Príncipe; dois (2) são de *Marchand Dessalines*, localizado a 160 quilômetros da capital; um (1) é da capital do departamento do Norte, *Cap-Haitian* (Cabo Haitiano); um (1) é da comuna de *Saint-Marc*; outro (1) é da comuna de *Gonaives*, a quarta maior do país; e o último participante é da comuna de *Port-de-Paix* (Porto da Paz), localizada no departamento do Nordeste.

Como foi mencionado anteriormente, todos os participantes informaram como primeira língua o *Kreyol* e segundo os dados do questionário eles também adquiriram outras línguas além das línguas oficiais do país (*Kreyol* e Francês), como o Inglês e o Espanhol. A relação com essas duas línguas será tratada no capítulo 5, de análise.

Quanto à cidade de moradia, sete (7) dos participantes moram na cidade de Foz/Paraná, um (1) em Salvador/Bahia e dois (2) na cidade de Toledo/Paraná. A exceção do Participante 002, que é da região Nordeste brasileira, os demais são da região Sul. Os participantes chegaram ao Brasil entre 2012 e 2021, o que proporcionou um tempo favorável no país para compartilhar seus posicionamentos sobre as questões socioculturais que se apresentavam no questionário.

Por entender que esta pesquisa carrega uma grande responsabilidade com a comunidade haitiana, principalmente a imigrante, optamos por discorrer um pouco sobre o Haiti e alguns aspectos da sua cultura. Por conseguinte, no próximo capítulo

faremos uma introdução histórico-geográfica do Haiti, apresentando, de forma geral, características e particularidades dessa nação, a fim de entendermos a trajetória histórica e identitária do povo haitiano, a origem do *Kreyol* e refletir sobre o processo de emigração para outros países, neste caso para o Brasil.

Este capítulo, que tratará sobre o país de origem dos imigrantes haitianos que vivem no território brasileiro, é primordial para a interpretação dos dados levantados nos questionários, pois contribui tanto para a leitura como para a reflexão das informações registradas pelos participantes em relação às suas percepções sobre o *Kreyol* e a cultura haitiana.

3 DO HAITI PARA O BRASIL

Neste capítulo apresento algumas informações sobre o povo haitiano e por isso trouxemos uma pequena recapitulação da história do Haiti, alguns lugares turísticos e que transmitem a nossa cultura. Também discorremos sobre a questão migratória e a escolha do território brasileiro como novo país de moradia. Portanto, o capítulo está dividido em 4 seções: 3.1 Haiti, em que descrevemos o Haiti a partir de aspectos geográficos e mencionamos algumas riquezas históricas que nem sempre são lembradas nas notícias, devido ao destaque dado às crises políticas do país; 3.2 Línguas oficiais: Francês e *Kreyol*, incluindo uma subseção: 3.2.1 *Kreyol*: a Língua Crioula Haitiana, em que trazemos informações sobre essa língua oficial do país, as questões sociolinguísticas e os debates que existem em torno do Francês e do *Kreyol*; em 3.3 Emigração no Haiti, abordamos o tema da migração no Haiti e os possíveis motivos que levam os haitianos a emigrarem para outras nações. Em acréscimo, abrimos uma subseção, 3.3.1 Brasil: um dos destinos migratórios dos haitianos, para resgatar algumas das condições que incentivaram o haitiano a migrar, especificamente, para o território brasileiro, campo de nossa amostragem.

3.1 HAITI

O Haiti foi conquistado em 1492 por Cristobal Colombo e faz parte dos países do mar caribenho, situado em uma ilha dividida com a República Dominicana (Figura 1). Depois da *Isla Cubana*, é a maior das ilhas:

Figura 1 - Mapa do Haiti, e suas principais cidades



Fonte: Peter Hermes Furian / Alamy Foto de stock, 2015².

² Disponível em: <<https://www.alamy.es/foto-mapa-politico-de-haiti-80887511.html>>.

Segundo dados disponibilizados pelo Banco Mundial (2021), o Haiti tem uma população de 11.541.683 de pessoas distribuídas em uma área de 27.750 km² (10.714 mi²), e consiste em um território bem montanhoso (Hayle, 2016). No Haiti podemos dizer que há somente duas estações³, o inverno e o verão. No oeste e no sul, o verão é a estação das chuvas e trovoadas; no inverno, a do tempo seco.

O Haiti é um país considerado, oficialmente, bilíngue (Francês-*Kreyol*), mas há controvérsias em relação a essa definição de bilinguismo, pois estudiosos como Spears (1994) consideram que para ser chamado de bilinguismo, as línguas em coexistência devem ter o mesmo peso e condições de utilização igualitárias. Contudo, no Haiti o Francês é ensinado nas instituições de ensino, é a língua administrativa, isto é, dos discursos, documentos oficiais, caracteriza-se como a língua dominante e de maior prestígio. O *Kreyol* é a língua de berço dos haitianos, ou seja, a primeira língua aprendida no seio familiar e praticada por toda a sociedade haitiana, no entanto, por ser considerada uma língua do cotidiano, um vernáculo⁴, não recebe o mesmo prestígio que o Francês. Essa condição faz com que pesquisadores como Spears (2014 *apud* NUNES, 2012) caracterizem o Haiti como uma nação diglósica e não bilíngue, discussão que será melhor detalhada na próxima seção.

Passados pouco mais de 300 anos do que se convencionou chamar de descobrimento, o Haiti conquistou a independência em 1804, em um conflito marcado por uma luta sangrenta. Meu povo escravizado foi o primeiro a se tornar independente dentro do território caribenho. Logo, a Revolução haitiana se transformou no maior movimento negro de rebeldia contra a exploração e a dominação colonial das Américas (PIMENTEL; COTINGUIBA; RIBEIRO, 2016).

Contudo, devido à instabilidade política que data de 1960 a meados de 2000, assim como às barreiras impostas depois da independência, a economia e a democracia haitiana sofreram constantes declínios (HAYLE, 2016), como pode ser observado na taxa de incidência da pobreza, que é estimada em 1,90 por dia, em um país

³ Il n'existe, à proprement parler, que deux saisons en Haïti: l'hiver et l'été plus connus sous les noms de saison de pluie et saison sèche. Dans l'Ouest et le Sud, l'été constitue la saison des précipitations et des averses orageuses; l'hiver celle du temps sec. Dans le Nord et certaines parties de l'Artibonite et du Centre, l'été est ordinairement sec alors que d'abondantes et continues pluies inondent la région pendant les mois d'hiver. Disponível em: <<https://www.haiti-reference.info/pages/plan/geographie-et-tourisme/milieu-naturel/climat-haiti/>>.

⁴ Segundo Tarallo 2007, p. 19), o vernáculo é a língua falada, pois esta “é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo face a face. É a língua que usamos em nossos lares ao interagir com os demais membros da família”.

que tem sua fonte de renda na agricultura. O crescimento anual do PIB é em torno de -1,8% e a esperança de vida da população é de 60 anos (Banco Mundial 2021).

Tendo em vista toda a riqueza cultural haitiana, numa tentativa um pouco ousada, apresentaremos o Haiti através da música de um jovem artista haitiano, Michael Benjamin, intitulada “*Yaiti se...*”. Esta canção foi uma das mais populares do ano de 2012. Benjamin faleceu no dia 16 de outubro de 2022, em um show representando o país, com a bandeira no pescoço, depois de sofrer um ataque cardíaco.

É possível observar na letra da música as maravilhas que o cantor descreve sobre o Haiti e as suas particularidades ao apresentar tanto a cultura e os lugares turísticos como a gastronomia do país, como pode ser verificado no primeiro trecho da canção:

Ayiti se bèl lanmè, se bèl montay ak bèl rivyè,
 Se bèl plaj ak pye kokoye, bèl peyizaj ak bèl koulè,
 Ayiti se sant kafe kap monte nan nen m' le maten
 Se sant lawouze ki fèk poze pou flè dizè ka boujonnen
 Ayiti se Basen Ble, Kaskad Pichon, avèk Sodo,
 Se Akaden, La Sitadèl ,se Labadi ak Marigo
 Ayiti se Lavale , se Pòsali ak Zabriko
 Se Mòn Lasèl, Pik Makaya ,se Mamlad ak Mòn Pilbowo⁵
 (BENJAMIN, 2012, <https://lyricstranslate.com/pt-br/ayiti-se-haiti.html>).

Deixemos a negatividade um pouco de lado para mostrarmos o Haiti que nem sempre é divulgado, assim como o faz Benjamin na música “*Yaiti se...*” ao mencionar a *Bassin Bleu*, a *Citadelle Laferriere*, a *Labadi*, entre outras paisagens e pontos turísticos. Assim, apresentamos algumas imagens para ilustrar algumas dessas belezas haitianas:

⁵ Tradução nossa: Haiti é um belo mar, belas montanhas e belos rios,
 É belas praias com coqueiros, belas paisagens com cores vivos,
 Haiti é o cheiro de café subindo pela manhã
 É o cheiro do orvalho recém colocado para que as flores desabrochem
 Haiti é a Basen Ble, Cachoeira Pichon, com Sodo,
 É Akaden, La sitadèl, é Labadi e Marigo
 Haiti é Lavale, Pòsali e Zabriko
 É Mòn Lasèl, Pik Makaya, é Mamlad e Mòn Pilbowo
 (BENJAMIN, 2012, <https://lyricstranslate.com/pt-br/ayiti-se-haiti.html>).

Imagem 1 - *Bassin Bleu*



Fonte: Hidden Sides Of Haiti, 2020

Bassin Bleu, ou *Basen blé* em Kreyol, é um lugar natural localizado perto da cidade de Jacmel, nas montanhas. É composto por três bacias: a Bacia do Yes, com 4,6 metros de profundidade; a Bacia do Palmist, com 17,4 metros de profundidade e a Bacia Clara, com 22,8 metros de profundidade.

Já na Imagem 2 é possível visualizar a *Citadelle*:

Imagem 2 - *Citadelle*



Fonte: Hidden Sides Of Haiti, 2020

A ⁶Citadela é uma estrutura militar construída no início do século XIX em Milot, no Haiti, no departamento de Nord, por Henri Christophe. É a maior fortaleza do Caribe. A 900 metros de altitude, está localizada a 15 km ao sul de Cap-Haitien, dentro do Parque Histórico Nacional - Cidadela, Sans Souci, Ramiers, e é classificada como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO desde 1982. A fortaleza chegava a abrigar 2000 homens, 5000 se necessário. A Cidadela foi construída após a independência, em 1804, para defender a parte norte da ilha do Haiti contra um possível retorno dos franceses. Em seu processo de construção, 20.000 pessoas participaram das obras que duraram quatorze anos (AYITI DIGITAL, s.d. - tradução nossa).

Na Imagem 3 temos a *Labadi*:

Imagem 3 - *Labadi*



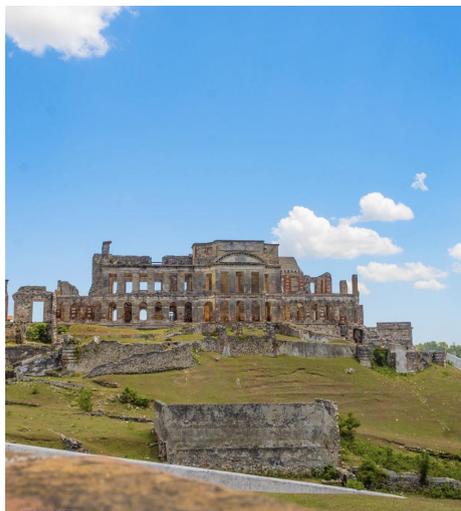
Fonte: Hidden Sides Of Haiti, 2020

Labadee é conhecida como uma das maiores atrações turísticas do Haiti e está localizada na península norte do Haiti, um complexo turístico do cruzeiro Royal Caribbean International.

⁶ No original: La Citadelle La Ferrière est un ouvrage militaire construit au début du xixe siècle à Milot en Haïti dans le département du Nord, par Henri Christophe. C'est la plus grande forteresse des Caraïbes : à 900 mètres d'altitude, elle se trouve à 15 km au sud de Cap-Haïtien, au sein du Parc National Historique - Citadelle, Sans Souci, Ramiers classé au patrimoine mondial de l'UNESCO depuis 1982. La forteresse [archive] pouvait abriter une garnison de 2000 hommes, 5000 en cas de nécessité. La forteresse est construite après l'indépendance en 1804 pour défendre la partie nord de l'île d'Haïti contre un éventuel retour des Français. 20 000 personnes participent aux travaux de construction qui durent quatorze années (AYITI DIGITAL, s.d. - <https://ayiti.digital/culturepatrimoine/2?type=Patrimoine&categorie=Forteresse>).

Na Imagem 4 temos o *Palais Sans Souci*, construído a partir de 1810, sob o impulso do general Henri Christophe. O palácio e os seus numerosos anexos foram concluídos em 1813:

Imagem 4 - Palais Sans Souci



Fonte:Hidden Sides Of Haiti, 2020

Além do corpo principal foi construída uma capela com uma grande cúpula. Henri, sua esposa, a rainha Marie-Louise e seus filhos - incluindo Victor-Henry Christophe - viveram neste local, assim como seus funcionários, conselheiros e ministros, até 18 de outubro de 1820, data do início do fim do Reino do Haiti e depois de sua ligação com a parte sul do país.

A Imagem 5 traz, em *Kreyol*, Akaden. As ilhas Arcadins têm uma costa de 19 quilômetros. Muitos hotéis se instalaram em *Akaden*, devido à beleza de suas praias de areia branca e fina:

Imagem 5 - Akaden (Côte des Arcadins)



Fonte: Easyvoyage. <https://img.ev.mu/images/attractions/8137/960x640/772789.jpg>

A nossa intenção com esta breve seção sobre o Haiti é a de mostrar os dois lado do país, o conhecido através da História, que quase sempre é alterada pela imprensa internacional para diminuir a nação haitiana e a parte, oculta até mesmo para o próprio haitiano, uma vez que somente uma porcentagem restrita conhece todas as atrações do país. Poderia ser uma viagem muito mais detalhada e com bem mais informações sobre a cultura, porém com a falta de fontes (sites, revistas etc..) confiáveis, bem como em decorrência das crises políticas e sobretudo da insegurança no território do Haiti, não foi possível conseguir mais dados com a nossa fonte que se encontra em Porto Príncipe (Capital).

A seguir, abordaremos as questões intrigantes sobre as línguas oficiais do país e como essas podem ser utilizadas como instrumentos para dividir uma sociedade.

3.2 LÍNGUAS OFICIAIS: FRANCÊS E *KREYOL*

Como mencionado anteriormente, o Francês e o *Kreyol* são as línguas oficiais do Haiti. Enquanto o *Kreyol* é utilizado por praticamente toda a população, uma vez que é falado por mais de 90% dos haitianos (CHAUDENSON e VERNET, 1983), o Francês é praticado por um número bem restrito de falantes. Ou seja, as classes sociais média e alta dominam o Francês e, em contrapartida, muitos da periferia terão seus primeiros contatos com a língua na sala de aula, a depender da região em que se encontram inseridos.

Embora o haitiano matriculado na escola domine o *Kreyol* oral, desde o primeiro dia na escola lhe é proibido mencionar qualquer palavra no seu vernáculo, pois todos os alunos devem se comunicar em Francês. Assim, na escola, as crianças, por não saberem se comunicar em Francês, sofrem discriminação, o que contribui para que haja um bloqueio expressivo no uso dessa língua, dificultando a participação desses alunos nas interações e atividades das aulas. Acrescentamos que, na maioria das vezes, o aluno entende o assunto, mas por falta de vocabulário e de domínio da língua francesa, ele não consegue interagir e compartilhar seus conhecimentos com a turma. Por essa razão é tachado de aluno tímido, preguiçoso, desinteressado, uma vez que parece não demonstrar interesse em aprender, quando na verdade são as barreiras linguísticas impostas pela sociedade que o impelem à marginalização. A esse respeito Rodrigues

(2008, p. 87) menciona que “vale a pena lembrar que Georges Sylvain já reconhecia em 1901 que a solução do problema do ensino das massas passa obrigatoriamente pelo crioulo como língua de ensino”.

Já em outros âmbitos, como no religioso, o *Kreyol* tem uma presença maior, dominando inclusive este espaço. Entretanto, no âmbito judicial, as leis são redigidas em Francês e os julgamentos ou qualquer processo judicial dentro do tribunal são feitos em Francês, independentemente se o réu fala ou domina a língua francesa. No que compreende a história da imprensa haitiana, esta é marcada também pelo uso do Francês, apesar de o *Kreyol* ser empregado na publicidade. Somente em 1940 algumas rádios começaram a usar o *Kreyol* e embora não tenha sido bem apreciado, continuam fazendo uso do *Kreyol* em suas programações nos dias atuais.

Em acréscimo, Pimentel, Cotinguiba e Ribeiro (2016) reforçam que o

caso do Crioulo haitiano se revela como um modelo de superação e, ao mesmo tempo, um exemplo de como a supremacia de interesses políticos na sociedade haitiana dita os contornos educacionais e socioeconômicos da população e, conseqüentemente, a desigualdade de classes sociais existente no Haiti como um todo (PIMENTEL; COTINGUIBA; RIBEIRO, 2016, p. 32).

De fato, o *Kreyol* tem a sua utilização controlada pela elite do país que, por meio da “língua considerada padrão, serve de instrumento de opressão e detenção à fala das classes desfavorecidas” (PIMENTEL; COTINGUIBA; RIBEIRO, 2016, p. 32). Para entendermos os motivos pelos quais os avanços da oficialização e implementação do *Kreyol* no sistema do país foram tão demorados é fundamental realizar um levantamento histórico-linguístico da origem do crioulo haitiano, como veremos na subseção seguinte que trata sobre o *Kreyol*.

3.2.1 *Kreyol*: a Língua Crioula Haitiana

Devido às condições escravistas vividas pelo povo que habitava a ilha, pode se dizer que o *Kreyol* teve seu início no período colonial, com a vinda dos escravos africanos de várias regiões da África e que trouxeram consigo uma diversidade de línguas e dialetos que, em contato, misturaram-se, dando origem a outras “línguas”, chamadas de *pidgin* e de crioulo. Segundo Calvet (2002, p. 43), as “línguas aproximativas (saber, *pidgin*), que têm como característica não ser a língua primeira de ninguém”, formavam-se

quando os povos se encontravam misturados e não tinham como se comunicar, pois a língua materna de cada grupo populacional perdia a sua eficácia comunicativa. Assim, gerava-se um problema de comunicação social que era “respondido” por meio de uma língua aproximativa (CALVET, 2002).

Para o autor, há algumas divergências quanto à origem dos crioulos e dos *pidgins*:

um crioulo é um *pidgin* que se tornou língua veicular (isto é, a língua primeira da comunidade), tendo um léxico muito mais ampliado, uma sintaxe mais elaborada e campos de uso variados. O crioulo se caracteriza então por um vocabulário emprestado de uma língua dominante, a dos plantadores, e uma sintaxe fundada sobre a sintaxe das línguas africanas. Outros enfatizam que nenhuma descrição pôde provar verdadeiramente as relações entre a gramática dos crioulos e as das línguas africanas e se inclinam especialmente para a hipótese de uma *aproximação de aproximação*. É a tese de Robert Chaudenson. Baseando-se especialmente no crioulo da Ilha da Reunião, defende, com argumentos convincentes, que num primeiro tempo os escravos, pouco numerosos e vivendo relativamente perto de seus senhores, adquiriram um Francês sumário (“uma aproximação do Francês”) e que, num segundo tempo, com a multiplicação do número de escravos, os recém-chegados aprenderam o “Francês” com os escravos mais antigos (adquirindo assim “uma aproximação da aproximação”) (CALVET, 2002, p. 43-44).

Embora não se tenha clareza quanto à origem do crioulo, é possível observar que houve um contato de línguas e que, a partir da interferência/transferência, alternância e da mistura de códigos⁷ surgiram línguas veiculares⁸. Assim, devido ao contato estabelecido entre os colonizadores franceses, os escravos africanos multilíngues e a necessidade de comunicação, surgiu o *Kreyol*, pois como destaca Calvet (2002, p. 48), “a emergência de uma língua veicular é a resposta que a prática social e comunicativa dos falantes dá ao problema posto pelo plurilinguismo da comunidade”.

No caso do *Kreyol*, como comenta Singler (1996 *apud* PIMENTEL; COTINGUIBA; RIBEIRO, 2016, p. 35), o *Kreyol* “se desenvolveu entre 1680 e 1740, com a transição para o sistema de plantation – monocultura de exportação por meio de latifúndios de força de trabalho escrava”. Contudo, observamos que há uma dificuldade em encontrar dados mais precisos, tendo em vista a falta de documentos escritos em *Kreyol* naquela época. Somente em 1987 o *Kreyol* passou a ser considerado como língua oficial na Constituição do Haiti.

⁷ Quando ocorre a “passagem de um ponto do discurso de uma língua a outra, [é] chamada de *mistura de línguas* (a partir do inglês *code mixing*) ou de *alternância de códigos* (com base no inglês *code switching*), segundo a mudança de língua se produza durante uma mesma frase ou se dê na passagem de uma frase a outra” (CALVET, 2002, p. 35).

⁸ Língua veicular é “uma língua utilizada para a comunicação entre grupos que não têm a mesma primeira língua” (CALVET, 2002, p. 48).

Ao comparar com a data mencionada por Singler (1996 *apud* PIMENTEL, COTINGUIBA; RIBEIRO, 2016), observamos que as conquistas obtidas em favor do *Kreyol* levaram cerca de 200 anos para serem notadas na sociedade, haja vista a sua constante desvalorização pela elite haitiana. Como menciona Rodrigues (2008 *apud* PIMENTEL; COTINGUIBA; RIBEIRO, 2016)

o crioulo recebeu a sua primeira grafia oficial em 1980, fruto de um movimento iniciado na década de 1940, quando pesquisadores tomaram consciência das gravidades do analfabetismo no país e, ao mesmo tempo, se conscientizaram de que o crioulo não era um dialeto do Francês, mas uma língua diferente, e a partir disso propuseram uma grafia que correspondesse à sua fonética própria. (RODRIGUES, 2008 *apud* PIMENTEL, COTINGUIBA, RIBEIRO, 2016, p. 35-36).

A partir desse entendimento de que o crioulo haitiano não era um dialeto do Francês, mas sim uma língua que se produziu a partir das necessidades de comunicação entre os diferentes povos, quando em contato com outras (variedades) de línguas, foi que houve um aprofundamento em seu estudo e na formulação de uma grafia e fonética próprias, tendo em vista o seu caráter, fortemente, de língua oral, isto é, vernácula.

Atualmente o *Kreyol* tem sua própria gramática, que se difere da gramática francesa, e, como qualquer outra língua, possui as suas variações. Um dos primeiros dicionários do *Kreyol* data de 1976, foi elaborado por Bentolila, Alain *et al.*, intitulado *Ti Diksyonnè Kreyòl-Franse* (Mini-dicionário Crioulo-Frances). Por hora não existe um dicionário reconhecido pela *Akademi Kreyol Ayisyen* (AKA) e a necessidade de fornecer um dicionário completo e que atendesse às exigências da lexicografia ainda está pendente.

No artigo 213, da Constituição de 1987, já estava previsto uma academia da língua Crioula, porém somente vinte anos depois foi feita uma mobilização para concretizar este projeto pela *Université d'État d'Haïti*. Em 2014, após a votação da criação da academia do *Kreyol* pelo Senado e a Câmara dos Deputados, a lei foi publicada no jornal oficial da república, *Le Moniteur*, número 65.

No site oficial da *Akademi Kreyol Ayisyen* encontram-se todas as informações sobre esta academia, os feitos durante os anos e uma inclusão importante, uma lista com mais de quatrocentas livros em *Kreyol* e outras obras que falam sobre o crioulo (romance, livros didáticos, livros científicos, dicionários, livros infantis, literatura, poesia, entre outros).

Recentemente, Évelyne Trouillot, escritora haitiana, falou sobre a necessidade de traduzir os textos literários escritos em francês para a comunidade e mencionou a importância de enxergar esses textos na própria língua, o *Kreyol*, pois a língua Francesa que foi trazida pelos colonizadores e rejeitada por grande parte dos escravos, é vista como uma “língua estrangeira no Haiti, tanto para o haitiano menos favorecido, sem estudo que vê o Francês como a língua dos brancos colonizadores, como para uma elite escolarizada, com instrução que vê o Francês como a língua da França ou de outros países” (DEJEAN, 1983 *apud* PIMENTEL, COTINGUIBA, RIBEIRO, 2016. p. 35).

A esse respeito, Calvet (2002) relembra a Charles Ferguson (1972) quando este traz o conceito de diglossia: a “coexistência em uma mesma comunidade de duas formas linguísticas que ele batiza de ‘variedade alta’ e ‘variedade baixa’” (FERGUSON, 1972 *apud* CALVET, 2002, p. 50). No caso do *Kreyol* no Haiti, entendemos que a língua crioula se encaixa na situação de diglossia por ser considerada a variedade baixa, aquela aprendida naturalmente e como língua primeira. Ainda segundo o apresentado por Calvet (2002), com base no estudo de Ferguson (1972), é possível observar que o francês goza de um prestígio social que o *Kreyol* não goza, além de ser a língua majoritária na literatura, a ensinada na escola e que possui uma linguagem padronizada.

Embora não seja reconhecida como a língua de maior prestígio no Haiti, “na virada do século XVIII para o XIX, o crioulo já era uma língua em ascensão. Hoje, no século XXI, é o crioulo mais falado do mundo, com mais de dez milhões de falantes, residentes no Haiti e em diferentes países, dentre eles, mais recentemente, o Brasil” (PIMENTEL, COTINGUIBA, RIBEIRO, 2016. p. 32). Essa relação linguística-migratória será melhor detalhada a seguir, na seção sobre a emigração haitiana.

3.3 EMIGRAÇÃO HAITIANA

Segundo o Instituto Migrações e Direitos Humanos no Brasil (IMDH, 2014), a emigração é o “movimento de saída de pessoas ou grupos humanos de uma região ou de um país, para estabelecer-se em outro, em caráter definitivo ou por período de tempo relativamente longo” (IMDH, 2014), podendo ser desencadeada por causas econômicas, políticas, raciais, religiosas ou ambientais.

Os movimentos migratórios já aconteceram em vários países como, por exemplo, no Brasil, em que os brasileiros emigraram para o Japão, para os Estados Unidos, para a Itália, para a Espanha e para Portugal. No que compreende a migração haitiana, esta data do século XIX, conforme discurso proferido por Cotinguiba (2014. p 83), imediatamente após o período pós-colonial ou independente. Todavia, a emigração só se torna um fenômeno social no país a partir do século XX e isso se justifica, em parte, por questões econômicas e políticas consideradas desastrosas para o país” (COTINGUIBA, 2014. p. 83). Para muitos, mesmo com os acontecimentos gloriosos daquela época, ainda existiam motivos para se mudar do Haiti, com isso tivemos os grandes fluxos migratórios durante o século XIX para os Estados Unidos, Cuba e República Dominicana.

Até os dias de hoje, as inúmeras sequelas resultantes das decisões tomadas pelos heróis da pátria e pela influência contínua dos Estados Unidos nos assuntos do país fizeram com que o Haiti tivesse mais dias de lutas que de glórias. Contudo, para um povo que já vivenciou vários momentos difíceis, desde a época da escravidão ao pós-guerra da independência e que passou por desastres ambientais e instabilidades políticas, a necessidade de migrar para qualquer canto do mundo tornou-se o objetivo de parte da população haitiana. Desejo que se intensificou com a situação causada pelo terremoto de 2010, que nos deixou totalmente aleijados.

Ao recordar acontecimentos de nossa infância, lembramos de alguns familiares do meu pai que moravam nos Estados Unidos e que vinham nos visitar em Porto Príncipe, e tal alegria que isso nos proporcionava. Mesmo em tal época, não tínhamos planos para deixar o país, não deixava de ser um desejo, de viajar para o exterior e chegar “*anba pye palmis lan*”⁹ como se fala em *Kreyol* e depois obviamente retornar a nossa terra.

No entanto, a Imigração, sendo este movimento de pessoas ou de grupos humanos, provenientes de outras áreas, que entram em determinado país, com o intuito de permanecer definitivamente (IMDH, 2014), sempre fez parte da história da humanidade, sendo intensificada, principalmente, por questões políticas dos países que agravam as condições de vida do povo. No caso do Haiti, a falta de segurança pública, também, levou muitos haitianos ao exterior.

⁹ *Anba Pye Palmis*: Debaixo da Palmeira. Se referindo aos Estados Unidos como um país de oportunidade, emprego fácil e conseqüentemente muito dinheiro.

3.3.1 Brasil: um dos destinos migratórios dos haitianos

O Haiti é um país em desenvolvimento, a ação de migrar para outros países é algo muito frequente. Inclusive, geralmente, é um assunto mencionado no ambiente familiar e em grupo de amigos, pois trata-se de um “fenômeno antigo e que se repete, com variada frequência e intensidade, ao longo da história. Os grandes movimentos migratórios ocorridos em outras épocas tiveram sua causa nas invasões, conquistas, êxodos, fome e entre outros” (IMDH, 2014).

Depois do terremoto de 2010, que fragilizou ainda mais as condições de vida de muitos haitianos, Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil, realizou uma visita ao país, declarou apoio humanitário e disposição para prestar acolhimento aos cidadãos haitianos que desejassem migrar para o Brasil (SILVA, 2012 *apud* COTINGUIBA, 2014). A partir desta declaração o fluxo da migração haitiana para o território brasileiro aumentou.

Em 2011 as notícias sobre a migração haitiana eram de conhecimento de muitos brasileiros, uma vez que haviam vários pontos de entrada imigratória no Brasil, como, por exemplo, no Acre, na Amazônia e em Foz de Iguaçu. Alguns haitianos chegam ao Brasil, assim como a outros países, por meios ilegais, principalmente, através das fronteiras terrestres e deparam-se com várias dificuldades (caminhada longas, comida insuficiente, os gastos com o transporte de uma fronteira a outra) impostas pela falta do Visto, que seria o meio legal de entrar no país. Muitos imigrantes haitianos relatam terem passado por uma experiência difícil, violenta e abusiva. No nosso caso, minha família e eu chegamos ao Brasil com visto permanente e nossos relatos são totalmente diferentes.

Na Figura 2 é possível observar algumas das rotas de chegada ao Brasil e de deslocamento pelo país que são realizadas pelos haitianos:

Figura 2 - Rotas de chegada dos haitianos ao Brasil



Fonte: ROCHA, Leonel; ARANHA, Ana (2011) - Revista Época (*on-line*).

Depois da chegada ao território brasileiro, os imigrantes haitianos foram se deslocando conforme as ofertas de trabalho, consequentemente, para as grandes metrópoles como Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, entre outras. Com a experiência da mobilidade, muitos haitianos formados, ao chegarem ao Brasil, tiveram que aceitar trabalhos em ramos diferentes, como, por exemplo, um engenheiro haitiano passa a ser um garçom em algum hotel em São Paulo, assim como destacaram dois dos nossos participantes em resposta à profissão e ao tempo de atuação (questão 3):

PARTICIPANTE 008-R:20

Técnico de laboratório. Não atuou na área desde 2015 (entrada no Brasil) e trabalho como operador de máquina num frigorífico. (Questionário de 07/11/2022).

PARTICIPANTE 007-R:20

Cosmetologia. Não trabalho na área desde 2016 (entrada no Brasil) e atualmente trabalho como auxiliar de operador de produção num frigorífico. (Questionário de 07/11/2022).

Na Figura 3 podemos verificar, segundo dados disponibilizados pela Polícia Federal ao Conselho Nacional de Imigração (CNIg) e publicados pelo IMDH (2016)¹⁰, quais eram as principais ocupações dos haitianos registrados no Brasil entre 2012 e 2016, e identificar algumas das profissões informadas pelos nossos participantes:

Figura 3 - Ocupações dos imigrantes haitianos registrados na Polícia Federal ao longo de 2012 a 2016

Gráfico 3 – Ocupação declarada pelos imigrantes haitianos ao se registrarem



Fonte: Dados fornecidos pela Polícia Federal ao CNIg

Fonte: Dados disponibilizados pela Polícia Federal ao Conselho Nacional de Imigração (CNIg) e publicados pelo IMDH (2016).

Segundo Milesi (2016, n.p.), diretora do IMDH, no total “de registro constam também os membros familiares, ou seja, os filhos menores de idade, eventualmente a esposa que se ocupa do cuidado dos filhos, estudantes, bem como outros membros familiares que não se incluem no mercado de trabalho”. Inclusive, ao comparar com o perfil profissional dos nossos participantes, é possível traçar um comparativo com as informações apresentadas pelo IMDH (2016), uma vez que responderam ao questionário tanto estudantes como professor e economista, além de

¹⁰ “Ao longo desse período [2012 a 2016], 73.077 haitianos se registraram, sendo que a base para registro foi: 55,08% com Visto Humanitário emitido pelo Ministério das Relações Exteriores (Embaixadas e Consulados); 40,51% com base na decisão conjunta do CNIg e CONARE, ou seja, publicação feita em 12 de novembro de 2015 (ocasião em que foram publicados 43.871 nomes); e 4,41% com base em outras diversas situações. Conclui-se, pois, que do total de nomes publicados no dia 12 de novembro de 2015, 29.603 pessoas se registraram” (IMDH, 2016, n.p. - Disponível em: <<https://www.migrante.org.br/migracoes/migracao-haitiana/haitianos-no-brasil-dados-estatisticos-informacoes-e-uma-recomendacao/>>).

jornalista, cosmetólogo e técnico de laboratório.

A questão empregatícia é um dos pontos importantes para os imigrantes após conseguirem ser legais no país, pois além de conseguir um trabalho para se manter na nova pátria, o perfil histórico de quem viaja para o exterior quase sempre envolve a responsabilidade de mandar dinheiro para aqueles que ficaram. Como menciona Joseph Handerson, Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ):

A ele (o migrante), é negado imperativamente o fracasso financeiro da empreitada. O envio de dinheiro aos amigos e familiares desempenha subjetivamente algumas funções: manter financeiramente a família; mostrar que o processo de mobilidade está sendo um sucesso; renovar as proteções espirituais que possibilitam um revigoramento emocional e psicológico. Mas, para legitimar o sucesso, deve “mandar buscar” outro familiar como foi observado nas trajetórias de alguns dos interlocutores. (HANDERSON, 2016.p 100).

Importa enfatizar que o haitiano que viaja é escolhido pela família ou pelo familiar que vive no exterior, por ser um pessoa que busca melhorar suas condições de vida, que enxerga o bem coletivo e não somente o próprio, um trabalhador e também um ser que coloca a família em primeiro lugar, neste caso, não existe a chance de abandonar os que ficaram no Haiti, pois como enfatizam os participantes 004, 007 e 002:

PARTICIPANTE 004-R:25

Na verdade deixo o meu país por conta da questão econômico e estudar, falta oportunidade principalmente para os jovens, por isso venho aqui para buscar uma vida melhor. (Questionário de 07/11/2022).

PARTICIPANTE 007-R:25

Vim para trabalhar porque o Brasil tem mais possibilidade que o Haiti. (Questionário de 07/11/2022).

PARTICIPANTE 002-R:25

Eu saí dele para estudar e trabalhar. (Questionário de 07/11/2022).

Como pode ser observado nestes três enunciados, o fator econômico caracteriza-se como o principal motivador da saída do país de origem, seja pelo viés do trabalho ou do estudo. A esse respeito, vale mencionar o ingresso de haitianos nas Universidades brasileiras, como, por exemplo, a Unila que, em 2015, por meio de um programa de apoio para inscrição de Haitianos na Unila, contribuiu para que vários haitianos se deslocassem para a cidade de Foz do Iguaçu.

Segundo o site oficial da Unila, o projeto denominado PRÓ-HAITI

instituído:

pela Resolução 037 do Conselho Universitário (CONSUN), tem o objetivo de contribuir para a integração dos haitianos à sociedade brasileira, bem como fortalecer o intercâmbio acadêmico com o sistema de ensino superior do Haiti. Sendo assim, a Resolução considera a situação dos haitianos refugiados e a destruição do Ensino Superior no Haiti, em decorrência do terremoto de 2010. Além disso, leva em consideração o fato de os haitianos serem vítimas de xenofobia na América Latina (UNILA, 2015).

Essa iniciativa da Unila, na cidade de Foz do Iguaçu veio fortalecer essa comunidade haitiana, na qual a maioria faz parte da universidade e que, com o passar dos anos, possibilitou que outros haitianos escolhessem a cidade como local de moradia, especialmente, por causa dos familiares aqui instalados.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Tudo que fazemos, de uma forma consciente ou não, começa por um pequeno planejamento. Este capítulo tem como objetivo trazer os fundamentos teóricos complementares deste trabalho e que nos ajudaram a entender alguns conceitos usados, principalmente aqueles relacionados às línguas, tendo em vista que já apresentamos alguns conceitos e discussões relacionadas ao Estado da Arte no capítulo anterior, como, por exemplo, na seção tecida sobre o *Kreyol*.

Este quarto capítulo está disposto em uma seção principal que visa trazer algumas teorizações sobre a área de Políticas Linguísticas e os conceitos aplicados a algumas expressões relativas às línguas. Portanto, no ponto 4.1, introduzimos as áreas da Sociolinguística e de Políticas Linguísticas através dos estudos de Louis-Jean Calvet (2007), Orlandi (2009), Coelho (2010), entre outros, para na sequência (4.1.1) discorrer sobre as concepções de Língua Minoritária, Majoritária, Língua Materna, Segunda Língua, Língua Estrangeira e Língua de Herança, a partir de alguns autores como Pupp Spinassé (2006), Ramos (2021) e Gargallo (1999).

4.1 POLÍTICAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS SOB O VIÉS SOCIAL DA LINGUAGEM

A Linguística como ciência data do século XX e caracteriza-se pelo estudo científico que visa teorizar, descrever e explicar a linguagem humana, cujo desponte teórico-explicativo deu-se a partir das pesquisas de Chomsky (ORLANDI, 2009). Enquanto ciência, a Linguística Moderna “nasceu da vontade de Ferdinand de Saussure de elaborar um modelo abstrato, a *língua*, a partir dos *atos de fala*” (CALVET, 2002, p. 11). No entanto, ao afastar-se do contexto social real, a Linguística moderna possibilitou que outros estudiosos, principalmente, pesquisadores com um viés social da linguagem, propusessem teorias relacionadas ao âmbito sociocultural, como, por exemplo, Antoine Meillet, Basil Bernstein, William Bright, William Labov, John Gumperz, Dell Hymes, John Fischer, Charles Ferguson, entre outros.

Dentre as áreas de estudo que compreendem o campo sociocultural da linguagem focaremos na Sociolinguística que, por ser uma disciplina que estuda a linguagem em seu uso real, considera as relações existentes e praticadas entre a estrutura e os aspectos socioculturais da produção linguística. Portanto, um dos seus

objetivos é entender quais são os fatores que motivam a variação linguística e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta variável (CEZARIO; VOTRE, 2013).

Nesse sentido, a Sociolinguística se ocupa de questões como variação e mudança linguística, bilinguismo, contato linguístico, línguas minoritárias, política e planejamento linguístico, entre outras (COELHO, 2010, p. 17). Dentre as quais, a política linguística tem demonstrado considerável atividade, principalmente, no âmbito das “intervenções nas línguas e nas relações entre as línguas no quadro dos Estados” (Calvet, 2002, p. 133), pois corresponde tanto à “determinação das grandes decisões referentes às relações entre as línguas e a sociedade [quanto] à sua implementação” (CALVET, 2007, p. 11), à sua “transformação em realidade” (OLIVEIRA, 2013, p. 1).

Segundo Rajagopalan (2013), a política linguística envolve o espaço político, sendo o instrumento pelo qual tanto as leis como as mudanças linguísticas são elaboradas, providas e pensadas. Portanto, a política linguística consiste em “um conjunto de escolhas conscientes referentes às relações entre língua(s) e vida social, o planejamento linguístico: a implementação prática de uma política linguística, em suma, a passagem ao ato” (CALVET, 2002, p. 145 – grifos do autor). Para que as políticas e planificações da linguagem tornem-se efetivas devem promover os direitos linguísticos da comunidade ou do grupo, tanto em sua implementação como em sua defesa, pois “todo o direito linguístico se embasa, em última instância, na comunidade, e tem, portanto, um caráter coletivo” (HAMEL, 2003, p. 63).

Contudo, nem sempre as políticas linguísticas implementadas são pensadas e elaboradas levando em consideração as necessidades das comunidades de fala atendidas. A esse respeito, Rajagopalan (2013) enfatiza que, geralmente, as políticas linguísticas em curso são frutos de práticas que vêm de cima para baixo, apesar de que “qualquer grupo pode elaborar uma política linguística [...]. Mas apenas o Estado tem o poder e os meios de passar ao estágio do planejamento, de pôr em prática suas escolhas” (CALVET, 2007, p. 21). Logo,

[...] É uma ilusão pensar que as línguas são iguais, no sentido do que são capazes, mas todas – sem exceção – têm o seu valor definido pelos usuários e respectivas comunidades de fala, a quem deve ser garantido o direito de uso. Esse valor de mercado, assim como o *status* sócio-político de uma língua, variam conforme o contexto de uso e o ponto de vista que adota (GARCEZ, 2013, p. 95).

Nesse sentido e tendo em vista que o ser humano se representa através da comunicação e a partir dela compartilha os seus pensamentos, ideias e tudo que envolve a cultura, atitudes e crenças, entendemos que a “atitude lingüística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolingüística” (AGUILERA, 2008, p. 106). Esse comportamento pode ser caracterizado tanto por ações positivas como negativas que a depender dos valores atribuídos às suas crenças revelam as suas opiniões sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo.

Sendo assim, no que diz respeito às crenças e atitudes dos participantes, entendemos que o sentimento cultural e de pertencimento a que está atrelado o vernáculo de cada falante será fundamental para tecer as ponderações da análise que versam sobre as percepções do imigrantes haitianos sobre o *Kreyol* dentro e fora da sua pátria. Mas antes de tratarmos da análise, alguns conceitos precisam ser abordados, principalmente, aqueles relativos às nomenclaturas atribuídas às línguas.

4.1.1 Língua Minoritária, Língua Materna e Língua de Herança

Para melhor entendimento sobre alguns conceitos empregados em nosso trabalho, a apresentação de certos termos, como, por exemplo, Língua Minoritária, Língua Materna (LM) e Língua de Herança (LH) se torna importante, assim como refletir sobre os sentidos atrelados às expressões Língua Estrangeira (LE) e a Segunda Língua (SL). Como mencionado, o Haiti é considerado como um país bilíngue e, enquanto imigrantes, os haitianos residentes no Brasil terão que lidar com uma nova língua, antes considerada estrangeira, agora Segunda Língua, dado o contexto de imersão¹¹ ao qual estarão submetidos no novo país de moradia.

Segundo Pupp Spinassé (2006), a LM caracteriza, geralmente, a origem do falante e é usada, na maioria das vezes, no dia a dia. A linguista acrescenta que

¹¹ Entendemos como imersão o contato frequente do sujeito com a língua em aquisição, como, por exemplo, a aprendizagem da língua portuguesa pelos imigrantes haitianos que vivem aqui no Brasil, cuja língua oficial é o português. Dessa forma, tanto a globalização como o fluxo migratório, impulsionam o aprendizado de outras línguas, tornando-o cada vez mais frequente e necessário, pois o “cidadão desse novo mundo emergente é, por definição, multilíngüe” (RAJAGOPALAN, 2003, p.69). Observamos também nessa construção multilíngüe uma reformulação das identidades, haja vista que “a imersão em uma cultura que não é sua pode surtir desdobramentos na constituição identitária de alguém, já que ali este se verá ocupando diferentes posições no universo discursivo, em particular na formação discursiva a que está inserido” (CHAGAS, 2016, p. 22).

A Língua Materna, ou a Primeira Língua (L1) não é, necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. Tão pouco trata-se de apenas uma língua. *Normalmente é a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos pais, e também é frequentemente a língua da comunidade.* Entretanto, muitos outros aspectos linguísticos e não-linguísticos estão ligados à definição. A língua dos pais pode não ser a língua da comunidade, e, ao aprender as duas, o indivíduo passa a ter mais de uma L1 (caso de bilingüismo). *Uma criança pode, portanto, adquirir uma língua que não é falada em casa, e ambas valem como L1.* (SPINASSÉ, 2006, p. 5 - grifos nossos).

A partir da definição de Pupp Spinassé (2006), podemos dizer que a LM é a primeira língua aprendida pelo falante em casa. Contudo, ao correlacionarmos com a situação de imigração não podemos dizer que se trata da língua da sociedade como um todo, mas podemos articulá-la com a comunidade de fala¹² imigrante. De acordo com Gorsky e Freitag (2010, p. 9), a “nossa língua materna é a primeira língua que adquirimos. Também podemos chamá-la de L1, em oposição à L2, que é qualquer outra língua aprendida depois da língua materna”.

A respeito do conceito de SL, Pupp Spinassé (2006) disserta que essa consiste em uma “não-primeira-língua que é adquirida sob a necessidade de comunicação e dentro de um processo de socialização [...] Para o domínio de uma SL é exigido que a comunicação seja diária e que a língua desempenhe um papel na integração em sociedade” (2006, p. 6). Como relembra Saville-Troike (2012, p.3), através da linguista Ana Adelina Lôpo Ramos (2021), podemos definir a SL como “uma língua dominante oficial ou socialmente, necessária para educação, emprego e outros propósitos básicos. É, por vezes, adquirida por membros de grupos minoritários ou imigrantes que falam outra língua como materna” (SAVILLE-TROIKE, 2012, p. 3 *apud* RAMOS, 2021, p. 240).

Nesta acepção, a SL compreende a aprendizagem de uma outra língua que não é a materna, em um contexto que pressupõe o contato cotidiano, para o qual a SL desempenha uma função social que contribui para a integração cultural do falante na comunidade de fala em que está inserido e na qual desenvolve uma maior performance comunicativa. Chagas (2016, p. 46) acrescenta que “uma Segunda Língua é aprendida quando alguém é submetido a um ambiente de imersão numa língua outra que, quando tomada como objeto de saber e de prática social, pode operar diferentemente daquela que ele tem como Língua Materna”.

¹² “Para Labov (1972, p. 120-121): a comunidade de fala não é definida por nenhum acordo/contrato no uso de elementos de língua, mas pela participação em um jogo de normas compartilhadas; tais normas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos e pela uniformidade de modelos abstratos dos padrões da variação que são invariáveis em relação aos níveis particulares de uso” (LABOV, 1972, p. 120-121 *apud* WIEDEMER, 2009, p. 1).

A Língua Estrangeira (LE) é “aquela que se aprende em um contexto em que não tem uma função social e institucional” (GARGALLO, 1999, p. 21). Rodrigues (2013, p. 17), destaca que o “termo Língua Estrangeira está intrinsecamente ligado às noções de FN [falante nativo] e FNN [falante não-nativo]”. Para Pupp Spinassé (2006, p. 6) “no processo de aprendizado de uma LE não se estabelece um contato tão grande ou tão intenso com a mesma. A grande diferença é que a LE não serve necessariamente à comunicação e, a partir disso, não é fundamental para a integração”. Sob essas premissas, podemos inferir que a LE seria aquela língua com a qual o aprendiz não tem muito contato fora do espaço da sala de aula, tendo em vista que não há, necessariamente, um contato cotidiano ou frequente com a nova língua ou língua em aquisição. Logo, a sua aprendizagem não é caracterizada pela necessidade de comunicação/socialização advinda do contexto imediato em que o falante se encontra inserido.

Em síntese, a aprendizagem de uma SL e de uma LE,

se assemelham no fato de serem desenvolvidas por indivíduos que já possuem habilidades lingüísticas de fala, isto é, por alguém que possui outros pressupostos cognitivos e de organização do pensamento que aqueles usados para a aquisição da L1. Uma diferenciação entre essas duas formas de aquisição de língua não-materna baseia-se fundamentalmente no já citado papel ou função da SL na cultura do falante (PUPP SPINASSÉ, 2006, p. 6).

Portanto, para tratar sobre SL e/ou LE é imprescindível refletir também sobre o conceito de LM, pois a “aquisição de uma Segunda Língua (L2 ou SL), por sua vez, se dá, quando o indivíduo já domina em parte ou totalmente a(s) sua(s) L1, ou seja, quando ele já está em um estágio avançado da aquisição de sua Língua Materna” (PUPP SPINASSÉ, 2006, p. 5). Assim, a diferença existente entre a SL e a LE consiste em que a primeira desempenha uma função na sociedade, enquanto a LE não tem, necessariamente, esse papel. Inclusive, em uma “segunda língua se possui uma maior competência e uma maior performance, pois o meio ou a situação exige isso do falante – o aprendiz de língua estrangeira dificilmente precisa chegar a esse nível de conhecimento” (PUPP SPINASSÉ, 2006, p. 6).

No que se refere à Língua de Herança (LH), conceito explicado por Ramos (2020), a partir do investigado por Valdés (2000), Van Deusen-School (2003) e Polinsky (2018) e que inserimos neste texto, a LH é um termo utilizado “nos Estados Unidos, entre os professores de língua estrangeira, para se referir à língua falada em casa, que não seja o inglês, na qual o falante apresenta algum grau de bilinguismo,

falando ou entendendo-a” (VALDES, 2000 *apud* RAMOS, 2020, p. 51), para a qual “se tem uma conexão histórica, cultural e pessoal” (VAN DEUSEN-SCHOOL, 2003, *apud* RAMOS, 2020, p. 51). Em acréscimo, para Polinsky (2018), “a língua se qualifica como língua de herança quando é a utilizada em casa ou é a língua com que a criança tem contato desde a infância e que não coincide com a língua dominante na sociedade” (POLINSKY, 2018 *apud* RAMOS, 2020, p. 52).

Boruchowski (s.d., p. 9) reforça que a LH é “aquela utilizada com restrições (limitada a um grupo social ou ao ambiente familiar) e que convive com outra(s) língua(s) que circula(m) em outros setores, instituições e mídias da sociedade em que se vive” (BORUCHOWSKI, s.d., p. 9). Ramos (2021) afirma que o “conceito de Língua de Herança, de modo geral, relaciona-se à língua da família e tem um componente de afetividade e de preservação da cultura e dos modos de interação dos nossos antecedentes familiares” (RAMOS, 2021, p. 248) e acrescenta que,

Apesar de ser um atributo externo ao indivíduo, por envolver políticas estatais para a concretização de *resgate e preservação*, a LH pressupõe *relação de afetividade, de sentimento de pertença, de um bem cultural herdado, de conhecimentos e práticas familiares*, que formaram os sujeitos cognitivos de dada cultura. (RAMOS, 2021, p. 248 - grifos nossos).

Geralmente, quando se discute sobre a LH, adentra-se na questão de Línguas Minoritárias, uma vez que esse conceito de herança está correlacionado à língua utilizada, frequentemente, em casa e por um grupo/comunidade específica que se encontra inserido/a em um contexto em que há outra língua dominante, como, por exemplo, os imigrantes haitianos que vivem no Brasil. Nesse sentido, as Línguas Minoritárias são definidas como línguas utilizadas “por um grupo menor do que o restante da população de um território onde a língua oficial é diferente da língua usada por esse grupo” (CONSELHO DA EUROPA, 1992; PASIKOWSKA-SCHNASS, 2016, *apud* LIMBERGER, KÜRSCHNER, ALTENHOFEN, MOZZILLO, 2020, p. 894), diferenciando-se do conceito de Línguas Minorizadas que compreende as línguas consideradas com menor *status* e que por vezes são silenciadas e marginalizadas. Portanto, utiliza-se os termos minoritário no sentido de “em menor número” de falantes e majoritário para “um maior número”.

Conseqüentemente, em situações de migração, a LM dos imigrantes é considerada uma Língua Minoritária, pois compreende um número menor de falantes em comparação com os falantes da Língua Oficial da nação de acolhida, que caracteriza-se

como majoritária. Ou seja, podemos exemplificar com os sujeitos da nossa pesquisa, os imigrantes haitianos que vivem no Brasil, que o *Kreyol* tem um poder menos expressivo do que a língua portuguesa que é política e socialmente dominante, haja vista que é a Língua Oficial da nação brasileira.

Conforme postulam os estudos realizados na área da Sociolinguística, uma língua pode ser considerada como Língua Minoritária porque

algumas possuem uma longa tradição em uma determinada região, outras refletem apenas um período bastante curto de tempo de uso. Algumas estão relacionadas a processos de migração (línguas africanas e europeias no Brasil), outras não (línguas indígenas). Algumas são regionais, outras não. Algumas só existem como línguas minoritárias (atualmente, línguas indígenas no Brasil), outras são línguas minoritárias em determinados estados ou regiões, mas são línguas majoritárias em outros (LIMBERGER, KÜRSCHNER, ALTENHOFEN, MOZZILLO, 2020, p. 895).

Portanto, em solo brasileiro, o *Kreyol* caracteriza-se como uma Língua Minoritária, pois trata-se de uma condição resultante de um processo migratório, em que os haitianos saíram do seu país de origem e adentraram no Brasil em busca de novas oportunidades de vida. Nesse processo, os haitianos saíram de um contexto de uso majoritário do *Kreyol* como LM, para adentrarem em um contexto em que precisarão aprender e utilizar uma SL, neste caso, o português brasileiro, e a sua LM aqui no Brasil passará a desempenhar o papel de Língua Minoritária.

Consideramos a aquisição da Língua Portuguesa, no caso do presente estudo, como SL, por entendermos que a aquisição e o uso dela está atrelado à função social que desempenha para esses imigrantes no Brasil. Esse aprendizado se dá, por vezes, pelo contato cotidiano com a língua tanto no aspecto informal, aquele fruto da imersão e da necessidade emergencial de se comunicar, ser entendido e entender, e que ocorre de maneira espontânea, como no formal quando inseridos no espaço educacional. Neste, temos uma outra problemática, o ensino da Língua Portuguesa como LM para falantes de outra(s) Língua(s) Primeira(s), contudo, por não ser o foco deste estudo, não nos adentraremos nessa discussão.

Considerando o contexto haitiano, em que o Haiti possui duas Línguas oficiais, *Kreyol* e Francês, observamos que, apesar de o *Kreyol* ser a Língua Majoritária no país, pois é praticado por mais de 90% da população, não é considerado como a língua dominante e tão pouco tem o *status* de língua de prestígio. Porém, ao Francês lhe é atribuído o *status* de língua dominante, embora seja uma língua utilizada e adquirida por

um percentual menor de falantes que o *Kreyol*, uma vez que no Haiti, mais de 50% da população não domina o Francês, dominando apenas o *Kreyol*.

Sendo assim, o que observamos no Haiti, com base no reconhecimento de suas duas Línguas Oficiais e nos estudos de Ferguson (1972), mencionados por Calvet (2002), não é um bilinguismo, mas sim a uma diglossia, haja vista que apesar de coexistirem duas línguas, uma é considerada a variedade *high* “alta”, “sofisticada, prestigiada, utilizada nas instâncias formais da sociedade e uma *língua baixa (low)*, estigmatizada, falada pelas massas populares e utilizada em contextos de interação informal. Em outras palavras, há diferença de *status sociopolítico* entre as duas línguas” (NUNES, 2021, p. 50).

Pupp Spinassé (2006) esclarece que o *status* atribuído a uma língua pode mudar com o tempo, uma vez que a história de vida das pessoas e a sua relação com a linguagem estão em constante transformação. Assim, o que hoje é considerada a LM de uma pessoa pode, futuramente, ser substituída ou acrescida com outra língua. Isto é,

A título de ilustração: uma criança nasce e cresce na Alemanha, filha de um francês com uma colombiana. Se com cada um dos pais ela se comunica nas suas línguas respectivas, e na creche, na rua, com os amigos e vizinhos o alemão é a língua diária, essa criança tem, claramente, *três línguas maternas: francês, espanhol e alemão*. [...] Se a criança citada acima, agora com 5 anos de idade, se muda para a Inglaterra e começa a *adquirir o inglês para poder comunicar-se bem e integrar-se, enquanto ele estiver na Inglaterra, teríamos um caso de Segunda Língua*. [...] Se a criança citada antes, que aprendeu o inglês como SL na Inglaterra, *muda para Portugal e a língua anglo-saxônica perde a importância na sua vida, a criança perde essa relação básica com ela e ela pode se tornar, com o passar do tempo, uma Língua Estrangeira – se não for completamente esquecida*. Da mesma forma, *até mesmo o alemão, que fora uma L1, pode sofrer esse fenômeno* (PUPP SPINASSÉ, 2006, p. 5-6 - grifos nossos).

Este exemplo apresentado por Pupp Spinassé (2006) ao longo do seu artigo, exemplifica como o *status* das línguas podem se modificar ao longo do tempo, o que deixa este campo de estudos ainda mais interessante e nos instiga a procurar verificar se situação semelhante se evidencia com os sujeitos da nossa pesquisa, pois para Acosta Corte (2013, n.p.), “quanto mais cedo ocorrer a exposição à segunda língua, mas profunda pode ser a perda da língua materna”¹³.

Por conseguinte, uma vez tecidas as nomenclaturas que têm um papel importante no nosso trabalho, daremos início a nossa análise baseado no questionário respondido pelos nossos participantes haitianos.

¹³ No original: “cuanto antes se produzca la exposición a la segunda lengua, más profunda puede ser la pérdida de la lengua materna” (ACOSTA CORTE, 2013, n.p.).

5 A REPRESENTAÇÃO DO CRIOULO HAITIANO POR SEUS FALANTES IMIGRANTES QUE VIVEM NO BRASIL

Quando refletimos sobre o *Kreyol* e a sua representatividade para o povo haitiano, o sentimento que temos é o de pertencimento, de sermos fruto de uma história que foi construída com muita luta, dor e sofrimento causados pela escravidão e pela separação de nossos entes queridos, dos quais muitos de nós foram arrancados e traficados para fora de suas pátrias mães.

Como bem destaca Calvet (2002, p. 12), “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes”, logo, a história do povo haitiano está intrínseca à história do *Kreyol*. Este é a nossa marca identitária. Portanto, quando trazemos no título do nosso trabalho *Kreyol no Brasil: língua de herança ou língua materna? A representação do crioulo haitiano por seus falantes imigrantes que vivem no Brasil*, queremos saber dos próprios imigrantes haitianos como eles veem o uso, a promoção e a manutenção do *Kreyol* aqui no Brasil, no dia a dia das trocas enunciativas entre os seus entes queridos, principalmente, no que compreende os seus filhos nascidos em solo brasileiro.

Como este tema de estudo é muito recente e, com todos os fluxos de migração a nível internacional, torna-se importante pesquisar e refletir sobre como ocorre, ou não, esse repasse cultural aos descendentes de imigrantes haitianos que vivem no território brasileiro, pois muitas famílias têm dúvida sobre como transmitir essa herança linguístico-cultural aos seus filhos e netos ou, antes de participarem desta pesquisa, mesmo nem haviam pensado a esse respeito.

Vale destacar que é preciso que haja um esforço e um interesse do próprio haitiano imigrante em desenvolver alternativas e práticas (políticas familiares) que mantenham a sua LM em uso em contextos de imigração, uma vez que, na nova nação de moradia, representam um grupo minoritário, cuja LM está restrita a essa comunidade de fala e às suas interações intrafamiliares. Logo, cada família acaba implementando, mesmo que inconscientemente, uma política linguística familiar dentro da sua rotina diária para manter o seu vernáculo vivo.

Para tanto, discorreremos a análise-descritiva a partir das perguntas do questionário sociolinguístico aplicado a dez (10) imigrantes haitianos que vivem atualmente no Brasil, de maneira a refletir sobre os conceitos, usos e crenças que envolvem as expressões: Língua Materna, Segunda Língua e Língua de Herança, e como

estes imigrantes reconhecem e consideram a sua língua de berço, o *Kreyol*.

Assim, para uma melhor discussão, as reflexões serão discriminadas por seções temáticas específicas a partir das perguntas do questionário e em conformidade com os dados pessoais relativos ao local de nascimento, idade, sexo e profissão que constam no Capítulo 2, na seção 2.3 A Delimitação Dos Participantes, que trata do perfil e da caracterização dos participantes. Destacamos que embora tenhamos 3 campos principais que separam o questionário (A - dados pessoais e socioculturais; B - funções; C - atitudes), articulamos as perguntas de maneira a refletir por temáticas que se correlacionam. Assim as seções de análise podem trazer ou não questões do campo “A”, combinadas com perguntas do campo “B” e/ou “C” de maneira recíproca.

Por conseguinte, na seção 5.1 analisamos os dados socioculturais dos participantes, com base nas perguntas 08, 09, 23 e 24; na seção 5.2 a análise é relativa às questões 17 a 24 que trazem informações sobre a interação dos participantes com falantes do português e do *Kreyol*; 5.3 traz as atividades desenvolvidas pelos participantes; as atitudes dos participantes em relação ao *Kreyol* e ou Haiti são analisadas na seção 5.4, por meio das perguntas 27, 26 e 25. Com vistas a destacar a voz dos participantes foram incluídos trechos enunciativos retirados dos questionários; a seção 5.5 traz as duas últimas questões do questionário relativas à possibilidade de voltar ao país de origem com os filhos; para concluir a seção 5.6 traz um estudo de caso com um ponto de vista pessoal sobre os casos relatados.

5. 1 DADOS SOCIOCULTURAIS DOS PARTICIPANTES

Retomando o disposto na caracterização dos sujeitos da pesquisa apresentada no Capítulo 2, seção 2.3, os dez (10) participantes do estudo são haitianos, com idade entre 26 e 51 anos, falantes de *Kreyol* LM, sendo inclusive falantes de Francês LM e português SL; sendo um (01) deles ainda falante de espanhol SL; outro (01) de inglês SL; e um (01) que fala espanhol e inglês SLs, conforme as informações apresentadas à questão 8. *Você fala outras línguas? Quais?*

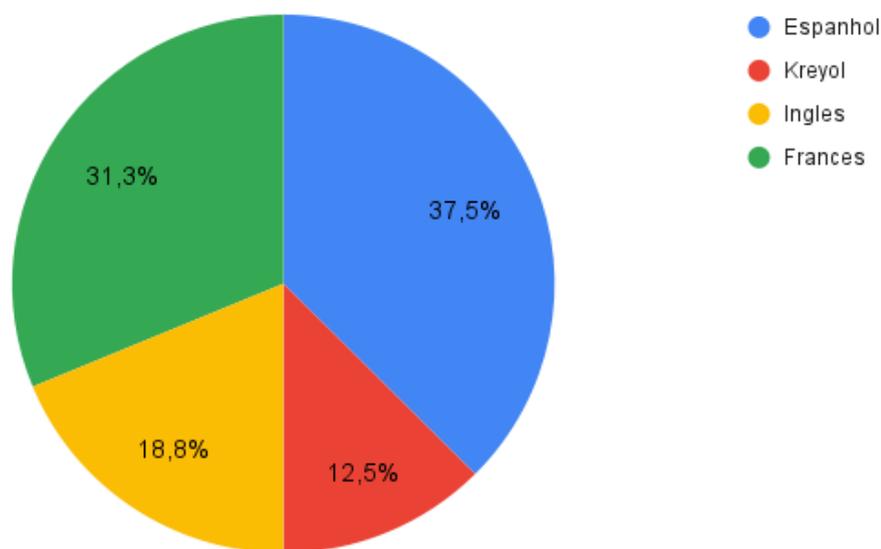
No que compreende à questão 9 (*Com quantos anos aprendeu?*) que complementa a pergunta 8, as respostas foram bem similares, uma vez que os participantes começaram a estudar outras línguas com 11 e 12 anos. Vale destacar que no ensino haitiano os alunos começam a frequentar o meio escolar a partir dos três (3)

anos, o equivalente ao ensino infantil brasileiro (4 a 5 anos). É nesse período que, boa parte das crianças, começam a estudar a Língua Francesa como SL e aos seis (6) anos começa a primeira série. No que compreende o Ensino Fundamental I e II, no Haiti, os alunos têm aulas de Língua Espanhola e Inglesa, o que reforça esse multilinguismo relativo à semelhança de faixa etária apresentada pelos participantes.

Ao conhecer essa realidade escolar haitiana, como também considerando o contexto de imigração, por meio das questões 23. *Você lê livros, ouve músicas, assiste filmes em outras línguas? Quais? Por quê?* e 24. *Você costuma contar contos ou piadas em outras línguas? Quais? Para quem?*, objetivamos verificar se os participantes faziam uso desse plurilinguismo no seu dia a dia e se iam mencionar a Língua Portuguesa na execução dessas atividades. Assim, como pode ser observado no Gráfico 1 que traz o quantitativo relativo à pergunta 23, as línguas com maior percentual de menções foram as espanhola e francesa:

Gráfico 1 - Uso das línguas em atividades do dia a dia

Você lê livros, ouve músicas, assiste filmes em outras línguas?



Fontes: Sistematização das pesquisadoras a partir dos dados apresentados no questionário.

Segundo o Gráfico 1, todos os dez (10) participantes possuem o hábito de assistir ou ouvir conteúdos em outras línguas: a maioria em espanhol (37,5%) e em francês (31,3%); seguido do inglês com 18,8% e apenas 12,5% em *Kreyol*. Inferimos que as menções voltadas ao contato com o espanhol e o Inglês decorrem do consumo de músicas e filmes estrangeiros que tiveram desde criança, pois os artistas haitianos fazem

uso dessas línguas em suas músicas e filmes. Por conseguinte, todos os participantes têm o hábito de ouvir músicas estrangeiras e de assistir filmes em outras línguas, por escolha ou por falta de versão traduzida/adaptada ao *Kreyol*.

Já no que diz respeito ao uso da língua em interações enunciativas verbais (questão 24), pelas nossas observações, a ação de contar uma piada em uma LE, Língua Adicional (LA) ou SL, isto é, que não fosse na sua LM, exige um domínio linguístico-comunicativo, bem como semântico-pragmático que nem sempre os falantes de SLs acreditam ter ou possuir, pois o que pode ser engraçado no Brasil, pode não ser no Haiti e vice-versa. No caso da piada, a maioria dos participantes declarou não saber contar, tendo em vista o aspecto cultural e as múltiplas referências que se fazem presentes na hora de contar uma piada. Porém, quando eles começaram a falar em *Kreyol* foi inevitável não fazer uma piada sobre a própria língua ou sobre alguma lembrança.

Com base nisso, podemos afirmar que os participantes apresentaram dificuldades em contar uma piada ou um conto na Língua Portuguesa e que, talvez, isso se deva à relação que possuem com essa língua e a maneira como a aprenderam, seja no âmbito do domínio linguístico e/ou multicultural. Ou seja, a partir das vivências como imigrantes, entendemos que boa parte dos imigrantes aprendem a língua das novas nações de moradia devido ao contexto de imersão e não em decorrência de frequentar espaços educacionais ou de ensino de línguas.

Apesar de haver iniciativas, neste caso no Brasil, que versam sobre o ensino de português para imigrantes, para refugiados, como língua de acolhimento, adicional, entre outras, nem todos os imigrantes têm acesso a essas propostas. Portanto, quando se trata de contar uma piada em português, esses imigrantes que participaram da pesquisa podem apresentar dificuldades tanto a nível de estrutura linguística quanto de semântica e de pragmática, como veremos na próxima seção que trata das escalas de função em relação à língua portuguesa.

5.2 ESCALA DE FUNÇÃO EM RELAÇÃO À LÍNGUA PORTUGUESA

O conhecimento e o uso da Língua Portuguesa pelos imigrantes haitianos participantes da pesquisa se deve, fundamentalmente, pelo contexto de imersão e de moradia no território brasileiro, a exceção de alguns deles que vieram a estudo e que

passaram por instrução formal, haja vista que, no caso deste estudo, os participantes vivem no Brasil há mais de 4 anos, como pode ser verificado no Gráfico 2 que ilustra o quantitativo de tempo de moradia no Brasil, a partir dos dados pessoais e socioculturais presentes no questionário:

Gráfico 2 - Tempo de moradia no Brasil



Fontes: Sistematização da pesquisadora a partir dos dados apresentados no questionário.

A partir do Gráfico 2 podemos observar há quantos anos cada participante está no Brasil e refletir sobre como essa variação pode ou não suscitar atitudes diferenciadas sobre a percepção que eles têm a respeito tanto da cultura brasileira, quanto da experiência com famílias brasileiras e com famílias haitianas. Inclusive, ao responderem às subquestões da pergunta 17, relativas à escala do campo B - Função, notamos que, com algumas exceções, os imigrantes haitianos que vivem há mais tempo no Brasil têm mais facilidade em interagir em português com outros falantes de português, como demonstra os seguintes dados tabulados a partir da escala de *bem, regular e mal* elaborada para as questões 17.1 *Você fala o português...* e 17.2 *Você entende o português...*, que descreve como os participantes consideram a sua competência comunicativa¹⁴ na Língua Portuguesa:

¹⁴ Conforme apresentado por Bortoni-Ricardo (2004, p. 73), a competência comunicativa corresponde a um conceito proposto por Dell Hymes (1966), a partir do conceito de competência linguística desenvolvido por Chomsky (1965), em que Dell Hymes inclui às regras de formação de sentenças, “as normas sociais e culturais que definem a adequação da fala. Em outras palavras, a competência comunicativa de um falante lhe permite saber o que falar e como falar com quaisquer interlocutores em quaisquer circunstâncias”.

Quadro 4 - Tabulação da Escala aplicada à questão 17

PART.	17.1 Você fala o português			17.2 Você entende o português			17.3 Você lê em português			17.4 Você escreve em português		
	BEM	REG.	MAL	BEM	REG.	MAL	BEM	REG.	MAL	BEM	REG.	MAL
001	X			X			X			X		
002	X			X			X			X		
003	X			X			X				X	
004		X		X				X		X		
005			X			X			X			X
006		X			X			X			X	
007	X				X			X		X		
008		X				X			X		X	
009		X			X		X				X	
010		X			X		X			X		

Fonte: Sistematização da pesquisadora a partir dos dados apresentados no questionário.

Para as duas questões relativas à pergunta 17 (17.1 e 17.2), apenas três (3) participantes consideram que falam e entendem *bem* em/o português. Dois (2) deles estão no Brasil há 10 anos e um (1) há 7 anos. Os três (3) possuem ocupações diferentes, sendo um (1) estudante, um (1) jornalista e um (1) economista. Outros cinco (5) participantes consideram as suas relações com a Língua Portuguesa majoritariamente como *regular*, oscilando em alguns dos pontos entre *bem* e *mal*. Somente um (1) participante aplicou a escala *mal* para toda desmembração da questão 17, um (1) estudante que está há 4 anos no Brasil. Outro (1) participante, residente há 2 anos no território brasileiro, respondeu a esta pergunta de maneira incompleta, limitando-se no preenchimento apenas de 17.2 e 17.4. Inclusive quando respondeu à questão 20 (*you interact well in Portuguese with other speakers of Portuguese? Comment*), informou que:

PARTICIPANTE 006-R:20

Não, eu não saio. (Questionário de 07/11/2022).

Ao observar o Quadro 4, vemos que o participante 006 não informou nenhuma das escalas para 17.1 e 17.3, quando perguntado se falava e lia em português. Contudo, ao tomarmos conhecimento da sua resposta para a pergunta 20, inferimos que este participante, por permanecer mais em casa e esta ser um ambiente em que, geralmente, se tem mais presente o uso do *kreyol*, não tem muito contato com falantes de

português. Condição que, de certo modo, lhe priva de aprender essa SL por meio da imersão e do contato com outros falantes.

A título de reforço da competência comunicativa em Língua Portuguesa dos sujeitos da pesquisa, agregamos alguns enunciados de outros participantes que foram levantados por meio da questão 20:

PARTICIPANTE 003-R:20

Sim. No meu trabalho, às vezes, tenho interagido com os brasileiros em português. Nos trens e nos restaurantes e outros lugares, eu praticamente faço o uso da língua portuguesa para fazer tudo. (Questionário de 07/11/2022).

PARTICIPANTE 008-R:20

Sim, consigo manter uma conversação com qualquer nativo. (Questionário de 07/11/2022)

Conforme pontua o participante 003, o uso da Língua Portuguesa por ele é frequente, pois a usa “para fazer tudo” (PARTICIPANTE 003, 2022). O que é compreensível, uma vez que é a Língua Oficial do Brasil e que é usada pela população brasileira nas mais variadas trocas verbais do cotidiano. Assim, a competência comunicativa do imigrante vai sendo construída a partir da utilização da Língua Portuguesa nas mais variadas trocas enunciativas, pois como destacam os participantes 003 e 006:

PARTICIPANTE 003-R:20

Sim. No começo não era assim, mas pouco a pouco evoluindo. As coisas que eu não entendia, perguntava o que significava e tive várias ajudas na pronúncia. Isso me ajudou muito. (Questionário de 07/11/2022).

PARTICIPANTE 006-R:20

Normalmente. Isso depende de qual assunto. Às vezes falo, senão fico quieto. (Questionário de 07/11/2022)

Por conta do tempo de moradia no país, alguns começaram a estudar além de trabalhar. Conforme tentavam se comunicar e interagiam em português, foram aprimorando a sua competência comunicativa e adequando-a aos diversos contextos em que estavam/estão inseridos. Com o tempo começaram a perceber como estavam evoluindo no uso da Língua Portuguesa, pois notaram que conseguiam interagir por mais tempo ao debater um tema, ao apresentar as suas referências ou seus pontos de vista, ampliando a capacidade de estabelecer relações entre vários contextos sem perder a linha de raciocínio, como enfatiza o Participante 009:

PARTICIPANTE 009-R:20

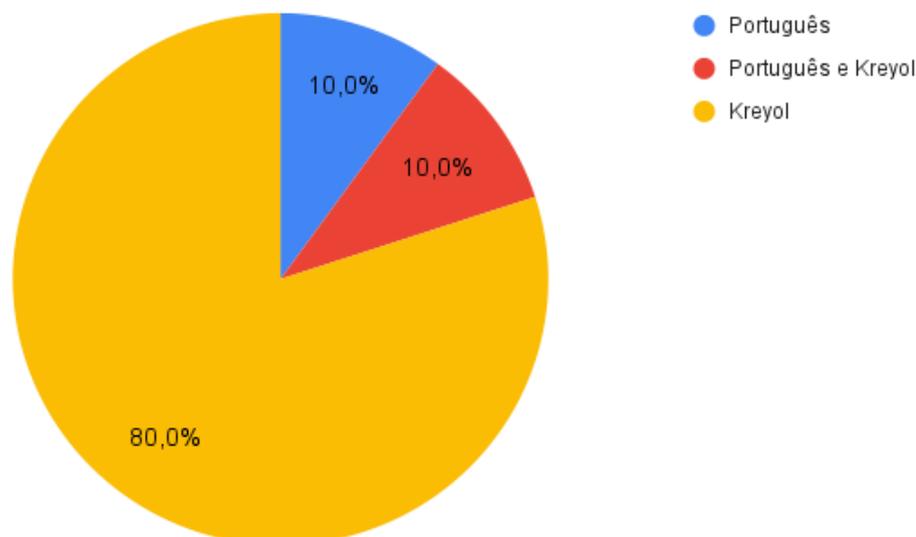
Mesmo com sotaque falou e eles entendem . Eu estudo também. (Questionário de 07/11/2022).

Para justificar este desempenho na língua, o participante 009 reforça o uso do português agregando a informação de que estuda. Ou seja, este participante entende que se ele consegue estudar em um espaço que somente emprega a Língua Portuguesa, isso vem corroborar para com a comprovação do seu progresso nessa SL. Para explicar a sua relação com o português, o participante 009 acrescenta que disputou uma das vagas em gastronomia, no Instituto Federal do Paraná.

Essa relação de avanço na interação em Língua Portuguesa também tem respaldo na necessidade de se comunicar e ser entendido, pois como demonstram os dados levantados, a maioria dos participantes, no trabalho, faz uso do português, diferentemente do que ocorre com a língua mais falada em casa, em que se sobrepõe o uso do *Kreyol*, como retrata o Gráfico 3 que traz o percentual de uso das línguas no contexto familiar (18. *Qual língua você mais fala em casa?*):

Gráfico 3 - Língua mais falada em casa

Qual língua você mais fala em casa?



Fontes: Sistematização da pesquisadora a partir dos dados apresentados no questionário.

A partir do Gráfico 3, percebemos que 80,0% dos participantes fazem uso do *Kreyol* em casa, mas isso não quer dizer que os filhos também fazem uso do *Kreyol*, pois, a partir do que foi constatado nos comentários dos participantes, alguns de seus filhos falam o *Kreyol*, outros apenas entendem, mas não se comunicam na língua; e há

ainda os participantes que usam simultaneamente as duas línguas (português e *Kreyol*). Desse percentual, temos nove (9) participantes que falam o *Kreyol* dentro de casa, um (1) que fala somente o português, e um (1) que se utiliza do que ele compreende ser “um português com interferência do *Kreyol*”.

Neste último caso, de um português com interferência do *Kreyol*, temos o que é chamado de mistura de códigos, um fenômeno linguístico que se caracteriza pela mistura de duas línguas ou variedades linguísticas “dentro de uma mesma sentença e que resulta em algum tipo de alteração de uma estrutura lexical” (SOARES *et al.*, 2012, p. 9), morfológica, sintática, fonética ou pragmática. A mistura de código é um fenômeno muito comum em contextos de línguas em/de contato e que compreendem o que Calvet (2002) denominou de estratégias conversacionais.

Se, de um lado, temos o uso do português mais presente no ambiente laboral, conforme ilustra o enunciado do participante 009:

PARTICIPANTE 010-R:20

Sim, isso me ajuda a falar mais rápido a língua. (Questionário de 07/11/2022).

de outro, temos a presença do *Kreyol* em casa. Contudo, essa prática comunicativa em *Kreyol*, embora presente, nem sempre tem a mesma taxa de correspondência entre os falantes e seus familiares, tal qual ocorre no trabalho, pois nesse espaço o *Kreyol* se evidencia somente se houver outros imigrantes haitianos para interação, do contrário, a língua de comunicação é a portuguesa.

No que faz referência à leitura e à escrita em português (17.3 *Você lê em português...*, e 17.4 *Você escreve em português...*), constatamos que os participantes transitaram entre as escalas de *bem*, *regular* e *mal*, caracterizando-se mais para *bem* e *regular*, do que para *mal*, como pode ser observado no Quadro 5 que traz os dados relativos a essas escalas pontuadas no questionário:

Quadro 5- Síntese dos dados levantados na questão 17

QUESTÕES	BEM	REGULAR	MAL
17.1 Você fala em português	5	4	1
17.2. Você entende o português	5	3	2
17.3. Você lê em português	5	3	2
17.4. Você escreve em português	4	5	1

Fontes: Sistematização das pesquisadoras a partir dos dados apresentados no questionário.

De acordo com o Quadro 5, em torno de 50% dos participantes consideram que leem e escrevem de maneira *regular para mal* em português. Essa escala atribuída por esse percentual de 50% dos participantes é muito interessante de se analisar, pois entre eles estão os três (3) estudantes. Logo, o fato de estar frequentando uma instituição de ensino, em que a leitura e a escrita em LP se fazem muito presentes, não parece ser um motivador ou um ampliador das competências de escrita e leitura na SL. Contudo, podemos fazer uma ponte com a pergunta 23. *Você lê livros, ouve músicas, assistir filmes em outras línguas? Quais? Por quê?*, para refletirmos sobre isso, pois apenas cinco (5) participantes mencionaram a Língua Portuguesa, em conjunto com outras línguas como a Inglesa, a Francesa e a Espanhola, em resposta a essa pergunta.

Segundo o participante 004, que respondeu à questão 23 informando fazer uso do Inglês, do Espanhol e do Português, o mesmo justifica que:

PARTICIPANTE 004-R:23

Sim. Exatamente, sempre leio em inglês, espanhol, filmes muitas vezes em português para me ajudar a entender a língua melhor. (Questionário de 07/11/2022).

Neste caso, o participante menciona ler em inglês e espanhol, mas somente reforça o porquê de assistir filmes em português: para melhorar o seu entendimento da língua portuguesa. Dois (2) dos participantes que marcaram a escala de *bem* para todos os desdobramentos da questão 17 e que não mencionaram o português em resposta à pergunta 23, esclarecem que:

PARTICIPANTE 002-R:23

Sim. Inglês e Francês, às vezes Espanhol também. Eu ouço músicas nessas línguas para manter em contato com elas e no intuito de desenvolver novas habilidades linguísticas para facilitar minha vida. (Questionário de 07/11/2022).

PARTICIPANTE 001-R:23

Eu ouvir bastante músicas nas minhas línguas já que isso me faz sentir em casa ou me deixar mais próximo da minha cultura. (Questionário de 07/11/2022).

Observamos, a partir dos enunciados desses participantes, que as opções por ouvir ou ler em determinadas línguas têm relação com as suas necessidades e com seus interesses. Isto é, para o participante 004 assistir filmes em português é uma forma de desenvolver uma maior compreensão nessa SL, enquanto que para os participantes 002 e 001 ouvir músicas em suas LMs e LSs é uma forma de manter o contato com a sua

cultura, com a sua língua de origem e/ou aprimorar as suas habilidades linguísticas.

Para retomar o uso do *Kreyol* em casa e na interação com os filhos, adentramos na próxima seção que aborda as informações socioculturais e de função relativas aos filhos dos participantes.

5.3 DADOS SOCIOCULTURAIS E DE FUNÇÃO RELATIVOS AOS FILHOS

Conforme apresentado no início deste trabalho e melhor detalhado no capítulo metodológico, o fato de ter filhos nascidos no Brasil era um dos pré-requisitos que os candidatos deveriam apresentar para participar da pesquisa. Assim, todos os dez (10) participantes têm filhos nascidos no Brasil, podendo também ter outros filhos que tivessem nascido em outros países, inclusive no Haiti. A quantidade de filhos varia de um (1) a cinco (5) filhos, dentro de uma faixa etária de três (3) meses a vinte e sete (27) anos.

Segundo os dados coletados, temos um total de 12 crianças nascidas em solo brasileiro e, apesar da diversidade etária, a Língua Primeira desses descendentes de imigrantes haitianos, de acordo com as respostas apresentadas à questão 15: *Qual é a primeira língua dos seus filhos?*, é a Língua Portuguesa.

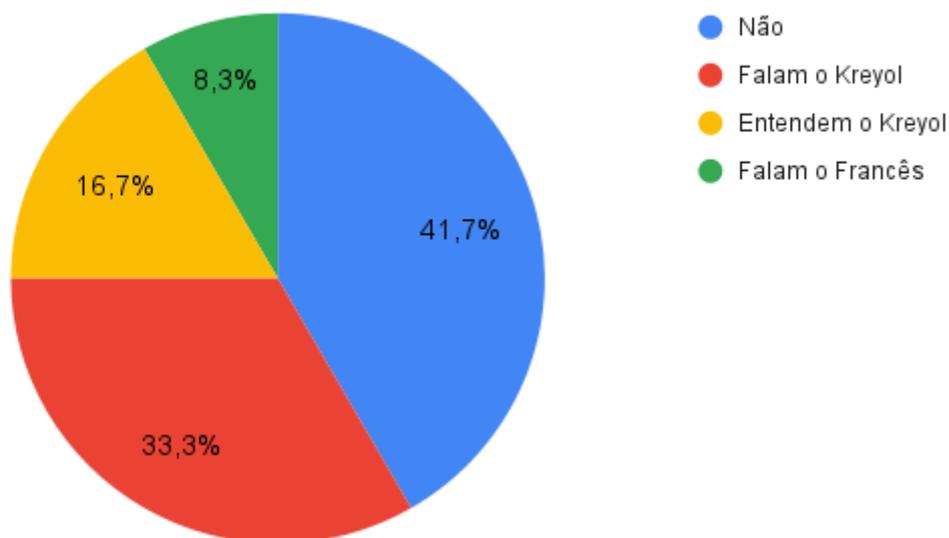
A esse respeito retomemos Pupp Spinassé (2006) e alguns dos fatores que influenciam na caracterização da LM: língua da mãe, do pai, da comunidade, dos familiares, adquirida primeiro, do dia a dia, majoritária na sociedade, entre outras. No caso dos filhos descendentes dos participantes da nossa pesquisa, podemos inferir que embora a Língua Primeira dos pais não seja a Língua Portuguesa, esta veio a tornar-se a LM deles (filhos) em decorrência de ser a língua da sociedade em que estão inseridos, pois o português, além de *status* de língua oficial, é a língua majoritária e de maior domínio da população brasileira, portanto, é utilizada no dia a dia, nos meios de comunicação e legislativos do país, na escola, no comércio, entre outros espaços.

Ainda com base em Pupp Spinassé (2006), resgatamos o que foi apresentado no capítulo teórico sobre a LM, em que a pesquisadora esclarece que a criança pode desenvolver mais de uma Língua Primeira, principalmente, quando a LM dos pais não é a mesma da comunidade, como é o caso dos sujeitos da nossa pesquisa que são falantes, principalmente, de *Kreyol* e de Francês LM e de português SL. Diante disso, observamos que alguns dos filhos dos imigrantes haitianos que participaram do estudo respondendo ao questionário, podem ser falantes bilíngues, tal qual propõe Pupp

Spinassé (2006), visto que segundo os dados do questionário para a questão 16: *Os seus filhos falam outras línguas? Quais?*, 8,3 % dos filhos são falantes de Francês e 33,3% de *Kreyol*, assim como 16,7% entendem o *Kreyol*, como ilustrado no Gráfico 4:

Gráfico 4 - Representatividade bilíngue dos filhos brasileiros dos imigrantes haitianos

Os seus filhos falam outras línguas? Quais?



Fontes: Sistematização da pesquisadora a partir dos dados apresentados no questionário.

Alguns dos filhos dos participantes falam o *Kreyol* em casa, já outros optam por falar somente em português, como foi observado nos dados da questão 19. *Qual língua os seus filhos falam em casa?* Lembrando que um dos critérios para se enquadrar nesta pesquisa é que os filhos deveriam ter nascido no Brasil e estarem morando no país, portanto, as respostas a essas perguntas são relativas aos filhos que nasceram aqui em solo brasileiro.

Sobre essa escolha dos filhos sobre qual língua falar dentro de casa, entendemos que há uma relação intrínseca entre a língua de origem e o quanto os pais incentivam o uso do *Kreyol* dentro de casa que, a depender da representatividade que o crioulo tem para essas crianças, bem como se há ou não políticas linguísticas familiares (BORUCHOWKI, s.d.) postas em prática pelos pais e familiares, vai ocorrer uma maior ou menor escala de uso da língua, resultando, inclusive, em uma não utilização ou aprendizagem.⁷

Com o acesso às informações e conteúdos culturais, é muito mais fácil aprender outras línguas. Frequentemente, quando são imigrantes espera-se que falem

outras línguas, é o caso dos nossos participantes que incluíram a seu repertório linguístico, juntamente com suas LM e SL/L2, o português. Não obstante, 41,7% dos filhos somente falam a Língua Portuguesa. Entendemos que os conteúdos estrangeiros, tais como filmes e séries, assistido pelos pais em outras línguas não são usufruídos pelos filhos. Por conseguinte, é necessário refletir sobre ações familiares que possam ser colocadas em prática para incentivar e promover o uso, neste caso, do *Kreyol* pelos descendentes brasileiros de imigrantes haitianos, ampliando assim o escopo de LMs e SLs, mesmo que este seja um resgate linguístico-cultural da herança linguística dos seus antepassados, ou seja, apreendida como Língua de Herança.

Ainda sobre o português como LM, devido ao tempo de moradia no Brasil, os participantes declararam que seus filhos têm uma boa interação com falantes de português. Segundo os dados coletados, a idade dos filhos indicam que eles já frequentam a creche ou a escola, por conta desse convívio, a aquisição da Língua Portuguesa está sendo muito mais rápida. Inclusive, alguns dos participantes têm o costume de frequentar cultos religiosos proferidos em português.

No entanto, na questão 22: *Os seus filhos interagem bem no crioulo com outros falantes de crioulo?*, os pais consideram que a interação dos seus filhos com falantes do *Kreyol* não ocorre como esperavam ou imaginavam que seria, pois ao optar por migrar do país de origem para outro, nem sempre a questão da manutenção e da transmissão da sua língua de berço é ponderada, uma vez que o foco decisório em migrar está centrado em outras questões que, naquele momento, lhes são mais urgentes e pontuais.

Dessa forma, entendemos que há consciência, por parte dos imigrantes, de que precisarão aprender uma nova língua (SL) e, em menor escala, de que a interação em sua LM se dará somente entre os seus familiares e conhecidos. Contudo, quando se trata de refletir sobre a Língua Primeira dos seus filhos e, principalmente, daqueles que nascerão em solo não materno, essa reflexão nem sempre se efetiva quando estão para sair do país ou apenas surge no momento em que se deparam com a realidade de que os seus filhos não se comunicam em *Kreyol*, pois esta língua não lhes fora ensinada ou fomentada nas trocas verbais cotidianas de interação familiar.

A esse respeito, os participantes destacaram que, em alguns casos, os filhos não dominam a língua crioula, o que dificulta a interação e, em outros, atribuem a ausência comunicativa em *Kreyol* devido à falta de contato com a comunidade haitiana, como exemplifica o participante 009:

PARTICIPANTE 009-R:22

Com outros falantes não. Eles não são tão bons . E a gente mora num bairro que não tem haitianos. (Questionário de 07/11/2022).

Normalmente os imigrantes escolhem as grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, na esperança de encontrar mais oportunidades de trabalho. No caso do participante 009, eles não tiveram muitos contatos com haitianos, porque o bairro não tinha outra família haitiana. Porém, ao traçarmos uma correlação das respostas dessa questão 22 às apresentadas na questão 15, podemos inferir que essa interação dos filhos com falantes de *Kreyol* é complexa porque eles não a aprenderam como língua de berço em um contexto comunicativo majoritariamente crioulo. Em decorrência de se comunicarem em português e de terem desenvolvido essa língua como primeira, atrelado às necessidades de se comunicar em um país majoritariamente falante de Língua Portuguesa, o crioulo passa a ser uma língua, na maioria dos casos, apenas ouvida e não praticada pelos filhos que podem ser apenas agentes passivos¹⁵ nesse processo de bilinguismo.

Essa não prática ou uso que abrange apenas uma parcela dos filhos dos participantes do estudo pode ser decorrente do fato de eles não dominarem o *Kreyol* a ponto de conseguirem fazer uso da língua verbal nas interações comunicativas, apesar de entenderem o que está sendo dito, como também do fato de não entenderem a língua que estão ouvindo, ou ainda de estarem limitados a um grupo minoritário de falantes de *Kreyol*.

Portanto, podemos dizer que esses descendentes bilíngues, que dominam em maior ou menor grau o *Kreyol*, se veem em uma situação em que a interação com o português é a dominante. Logo, de um vernáculo para os pais e irmãos mais velhos, para uma parcela dos filhos brasileiros, o *Kreyol* poderá ser visto como uma língua de origem dos pais, como algo que pertence ao outro, mas não a si.

Nesse sentido, é urgente que pensemos em ações e políticas, a princípio familiares, de promoção e manutenção do crioulo haitiano como LM para os pais, avós e filhos mais velhos; como LM para aqueles descendentes de haitianos que possuem o

¹⁵ Oliveira (2016, p. 66) ao exemplificar o bilinguismo passivo cita as reuniões dos MERCOSUL, em que os brasileiros falam português e os hispanofalantes espanhol “sem que isso traga qualquer dificuldade à compreensão ou ao trabalho conjunto, dado que os delegados têm, em geral, um bom conhecimento passivo da outra língua. É uma produtiva demonstração de como construir uma comunidade de sentidos – nesse caso, a comunidade decorrente do processo de integração ao MERCOSUL – usando não uma *língua comum*, mas um *bilinguismo passivo generalizado*”.

português e o *Kreyol* como LMs (mesmo que os participantes tenham considerado apenas o português como LM de seus filhos, as respostas para a pergunta 16 nos mostraram que temos casos de falantes bilíngues, no que compreende mais de uma Língua Primeira); e como LH para aqueles que somente falam o português brasileiro, para que assim, tanto os imigrantes como os seus descendentes tenham acesso e/ou mantenham esse patrimônio linguístico-cultural herdado de seus progenitores.

Contudo, ao refletirmos sobre a necessidade de ações políticas linguísticas que prezam pela valorização, manutenção e promoção do *Kreyol* no Brasil, seja as de cunho a nível de Estado ou familiares, primeiramente, precisamos ouvir o que os próprios imigrantes haitianos pensam a esse respeito. Para tanto, antes de tratarmos sobre o conhecimento histórico-cultural do Haiti adquirido por parte dos filhos, é imperativo entendermos se os participantes consideram interessante que os seus filhos aprendam e façam uso do *Kreyol*.

A partir dos dados levantados, por meio da questão 29. *Você considera interessante que seus filhos falem o crioulo? Por quê?*, verificamos que 100% dos participantes consideram importante que os seus filhos conheçam e façam uso do *Kreyol*. Baseado nas interações entre a pesquisadora e os participantes, bem como na interpretação das informações apresentadas nos questionários, constatamos que, apesar de considerarem importante os filhos falarem o *Kreyol*, boa parte dos participantes não faz questão de passar a cultura de origem, aquela relativa aos fatos históricos-identitários, adiante.

Nesse sentido, observamos que os filhos têm uma ideia vaga sobre a história do país de origem de seus pais, mas detêm um conhecimento da culinária e da cultura musical advinda do ritmo *kompa*¹⁶ porque os pais consomem tanto a comida haitiana em casa, a qual é muito elogiada e praticada, fazendo com que todo o descendente que vive com haitianos a conheça, como a música haitiana que não tem um ritmo parecido no Brasil, os imigrantes fazem questão de ouvir para se sentirem mais perto de casa.

Quando questionados a justificar os seus posicionamentos a esse respeito, uma vez que a pergunta solicitava que comentassem a resposta (28. *Os seus*

¹⁶ Kompa é um ritmo musical haitiano caracterizado como um merengue moderno que traz uma discussão muito interessante na grafia do seu nome, pois sua forma escrita é considerada um “erro” ortográfico resultante da mistura fonética entre o francês (compas) e o crioulo (konpa). O “Mini jazz, o estilo pseudo-americano de big band exclusivo do Haiti, foi definido por suas misturas de kompa” (Disponível em: <<https://www.haitianmusic.net/popular-haitian-music/kompa/>> - tradução nossa).

filhos conhecem a História do Haiti? Comente), uma das justificativas foi a de que os filhos ainda não tinham idade suficiente para entender, porque ainda são muito pequenos (3 meses a 3 anos de idade, por exemplo). No entanto, consideramos que saber sobre a sua origem é tão importante como a própria fé que lhe é ensinada desde o berço, pois a criança vai crescer e junto com ela o entendimento que tem sobre o mundo e, conseqüentemente, vai se apropriar dessa fé, ou neste caso, da história, da cultura e da identidade de suas origens, assim como enfatizou o participante 001, ao responder a questão 29:

PARTICIPANTE 001-R:29

Porque eu quero que eles cresçam com esse sentimento de serem também haitianos, apesar de nascer aqui e ter mãe brasileira, igual que eles precisam se aproximar também da cultura dos avós da parte da minha que são polonesas. (Questionário de 07/11/2022).

A cultura é fundamental em qualquer sociedade, por esse motivo, acreditamos que a cultura haitiana deva ser transmitida aos descendentes nascidos no estrangeiro, no Brasil, pois conhecer a própria história permite ao cidadão se situar melhor dentro da sociedade e saber qual é seu papel no mundo. Mas para nos aprofundarmos nessa reflexão é fundamental entendermos o que o *Kreyol* representa para os sujeitos participantes da nossa pesquisa. Sendo assim, na próxima seção procuraremos discorrer sobre essa representação ao interpretar quais são as crenças e atitudes que se fazem presentes nos discursos dos participantes deste estudo.

5.4 ATITUDES EM RELAÇÃO AO *KREYOL* E O HAITI

Na terceira parte do questionário, as perguntas foram elaboradas para se ter uma noção das atitudes dos participantes a respeito do *Kreyol* e a sua transmissão aos seus filhos. Para iniciarmos, tomamos a questão 27. *O que representa o crioulo pra você?* e apresentamos algumas das percepções dos participantes que afirmaram ser o *Kreyol*:

PARTICIPANTE 001-R:27

Minha identidade. (Questionário de 07/11/2022).

PARTICIPANTE 003-R:27

A minha raiz, é a minha identidade, mesmo que seja uma língua derivada de uma outra língua mas ainda fica minha e eu amo a história dessa língua hoje que posso

chamar minha que eu me sinto à vontade e prazer de me expressar. (Questionário de 07/11/2022).

PARTICIPANTE 008-R:27

É um patrimônio, é minha identidade. (Questionário de 07/11/2022).

A palavra identidade foi mencionada por todos os participantes, reconhecendo que o *Kreyol* faz parte da história e da cultura do haitiano, da sua construção identitária. Conforme Paiva (2011), que relembra os pensamentos de Wenger (2000, p. 239),

Uma identidade não é uma idéia abstrata ou um rótulo, tais como um título, categoria étnica, ou traço de personalidade. É uma vivência de pertencimento (ou não pertencimento). Uma forte identidade envolve profundas ligações com os outros através de histórias e experiências compartilhadas, reciprocidade, afeto e compromissos mútuos. (PAIVA, 2011, p. 6 *apud* Wenger, 2000, p. 239).

O peso que tem a língua dentro de uma nação pode não ser do conhecimento desses participantes, porém o fato de escolher a palavra “identidade” deixa entender que eles reconhecem que a língua tem um papel importante, já que através dela é compartilhada a história do país, pois o

haitiano nunca negou que a sua língua é o kreyól, fez o inverso: utiliza-a pelos quatro cantos do mundo, almejando mostrar que ele é haitiano e não francês, e que um haitiano fala kreyól e não a língua francesa, uma vez que o Haiti é independente, tem a sua língua e cultura nativa, muito embora as amarras francesas continuem fincadas nas terras haitianas (NUNES, 2021, p. 44).

Tendo em vista que, para o haitiano, o *Kreyol* é parte constituinte da sua identidade e que, pelo menos para a maioria da população haitiana, o *Kreyol* é a sua língua vernácula, sendo aprendido formalmente o Francês na escola e, a princípio com SL, perguntamos aos participantes, por meio da questão 26, como foi a experiência deles na escola com o *Kreyol* e o Francês. A maioria dos participantes limitou-se a responder que havia ocorrido tudo bem ou que não havia tido problema com as duas línguas. Entretanto, um ponto nos chama muito a atenção: a aplicação de punição se utilizassem o *Kreyol* na comunicação no ambiente escolar, como exemplificamos com os enunciados dos participantes 002, 003, 009 e 004:

PARTICIPANTE 002-R:26

Eu conseguia lidar muito bem com os dois idiomas apesar da falta de comunicação na língua francesa no Haiti. Vale ressaltar também que na escola onde eu estudei, era obrigatório para os alunos se expressarem em francês.

Diria-se que havia uma certa exigência severa, se por acaso, um aluno descumpri-la então pagará por isso. (Questionário de 07/11/2022 - grifos nossos).

PARTICIPANTE 003-R:26

Foi bom, mas passei a maioria dos meus anos acadêmicos na escola privada e (religiosa) que é extremamente rígida na questão da língua, e *eles exigiam muito que tem que falar em francês, não podia se comunicar em crioulo, senão tem consequências a pagar, você é punido [...]*. (Questionário de 07/11/2022 - grifos nossos).

PARTICIPANTE 009-R:26

Na minha caminhada como aluna não tinha aula em crioulo. Eu fiz desde a creche até meu último ano do ensino médio tendo aula em francês. *Não pode dizer se foi fácil, porque não tinha outra opção.* Eu fui pra escola aos 6 anos, todos meus estudos clássicos se deram em francês. Em 1978-1979 não tinha aula de crioulo na escola. Então na escola não teve contato com o crioulo em sala. (Questionário de 07/11/2022 - grifos nossos).

PARTICIPANTE 004-R:26

Acho difícil porque muitas vezes na casa você fala crioulo e na escola tem professor somente francês, *e proibido de falar crioulo.* (Questionário de 07/11/2022 - grifos nossos).

É evidente nos enunciados em destaque que esses participantes, quando na escola, não tinham opção de escolha linguística apesar de o Haiti possuir o *Kreyol* e o Francês como Línguas Oficiais. Isto é, não podiam se utilizar do *Kreyol* nas trocas verbais do cotidiano escolar pelo simples fato de ser proibido falar no seu vernáculo naquele espaço. Inclusive, além de não ter aulas em *Kreyol*, os professores falavam em Francês e havia punições para quem desrespeitasse as regras e falasse em Crioulo. Rodrigues (2008) menciona que em 1980, o Ministério da Educação Nacional propôs uma reforma do ensino haitiano que previa o Crioulo como língua de ensino no Haiti, mas que deparou-se “com a oposição, tanto a elite como do povo, que não queriam aceitar o crioulo como língua de ensino” (RODRIGUES, 2008, p. 87).

Em acréscimo citamos o posicionamento do participante 003 que faz o adendo de que

[...] a maioria dos livros em francês, que na minha opinião acho errado porque se nós podemos falar duas línguas então cabe a cada aluno escolher qual usa e qual se sente mais a vontade, mas não uma tortura exigindo, porque dentro de casa a maioria dos familiares falam em crioulo com as crianças, poucas familiares falam só francês com as crianças dentro de casa. *Por que não dá o mesmo valor para as duas línguas?* Talvez que se você falar só crioulo tem menos conhecimento no olhar dos outros que é totalmente falso, porque falar uma outra língua não significa em nada que é mais inteligente do que um outro. (Questionário de 07/11/2022 - grifos nossos).

O participante 003, ao questionar a imposição de uma língua sobre a outra, nos remete ao que Ferguson (1972 *apud* CALVET, 2002) denominou de variedade alta e variedade baixa, demonstrando que nessa relação identitária há um conflito entre o ser e o querer que sejamos, especialmente quando resgatamos a história de luta e revolução do povo haitiano. A esse respeito, Nunes (2021) ao parafrasear Dejean (1993) aclara que

uma questão chave para se pensar a diglossia no Haiti seria compreender que este fenômeno não proporcionar a manutenção das duas línguas em um mesmo território, o que acontece é a tendência à eliminação da língua menos prestigiada, no caso o kreyòl, pelo seu uso não ser progressivo em determinadas conjunturas (NUNES, 2021, p. 51).

Nesse sentido, dada a relação de *status* aplicada às duas Línguas Oficiais haitianas, bem como o fato de o *Kreyol* ser a língua de berço adquirida, principalmente, pela e na oralidade, sabemos, com base em Dejean (1983 *apud* PIMENTEL, COTINGUIBA, RIBEIRO, 2016), que há um sentimento conflituoso que assola uma parte da população que vê no Francês a língua do outro, do colonizador. A relação que existia entre os escravizados e os colonizadores sempre foi de opressão e de sofrimento, depois da independência, esses homens livres, a maioria analfabetos, não dominavam o Francês e a elite letrada haitiana usou essa língua como arma contra esta comunidade de fala crioula.

Portanto, apesar de a Língua Francesa ser usada em virtude de uma finalidade política, tendo em vista o seu caráter político linguístico *hard power*¹⁷, em relação ao povo haitiano, esse sentimento de mágoa com o Francês não muda, haja vista que “coexistir como língua oficial ao lado do francês não fez do kreyòl a língua com maior prestígio e valorização no território haitiano” (NUNES, 2021, p. 64). Inclusive esse *status* atribuído ao Francês em detrimento ao *Kreyol*, especialmente o praticado na escola, somente acentua as divergências existentes e que permeiam as crenças e atitudes dos falantes a respeito dessa diglossia existente no Haiti, tendo em vista “que diglossia não implica necessariamente bilinguismo” (NUNES, 2021, p. 51), para que seja considerado bilinguismo as duas línguas oficiais deveriam ter o mesmo peso e oportunidades de uso igualitárias. Isso, sem mencionar as variações dialetais do *Kreyol*.

¹⁷ “O *hard power* é frequentemente agressivo, baseado na coerção, e é mais efetivo quando imposto por um corpo político sobre outro menos poderoso. *Hard power* contrasta com *soft power*, que advém do uso da diplomacia, da cultura, da história, das línguas... para mudar as condições de trato com outro corpo político... em nosso favor” (OLIVEIRA, 2016, p. 61).

Assim, ao responderem às questões 25 e 26 que foram elaboradas com o objetivo de trazer à memória de nossos participantes as atividades que eram voltadas à cultura e, especialmente, aquelas que promoviam o *Kreyol*, o que observamos são menções justamente oriundas das atividades escolares e, provavelmente atreladas ao Francês, como declara o participante 003:

PARTICIPANTE 003-R:25

Sim na escola, sempre participei em vários grupos e coral, fazendo peças teatrais, danças, etc, eu acho que é importante, divertido e te aproxima mais também da tua cultura e do convívio com as outras pessoas. (Questionário de 07/11/2022).

Esta resposta, como também a de outros participantes à questão 25. *Você participava de atividades culturais no Haiti? Quais? Por quê?*, compreende as atividades elaboradas na e pelas escolas e que são quase sempre voltadas ao impulsionamento do Francês. Porém, diferentemente do participante 003, o participante 009 compartilhou uma experiência que teve com o *Kreyol* e afirma que:

PARTICIPANTE 009-R:25

Sim, participava em atividades culturais. Livre em folie é uma feira de livro todo ano tem na capital. Conhecer os autores e conhecer as opiniões de outras pessoas sobre as obras. (Questionário de 07/11/2022).

Pelas informações apresentados por estes dois participantes, 003 e 010, as atividades culturais com o objetivo de promover o *Kreyol* poderiam ter correlação com a diferença de idade dos participantes, tendo em vista que as experiências com o *Kreyol* na educação foram diferentes para esses dois participantes 003 (28 anos) e 010 (51 anos). Ressaltamos que a questão extralinguística representada pela idade considerada de maneira isolada não pode se constituir como fator preditivo, pois o participante 005, de 26 anos, traz a seguinte informação:

PARTICIPANTE 005-R:25

Sim, as atividades da igreja, dia de colheita porque é tradição. (Questionário de 07/11/2022).

O que observamos e podemos ponderar é que a tradição familiar pode ser um gerador de práticas culturais, que serão mantidas ou não, a depender do significado que têm para cada sujeito, evidenciando a importância do planejamento de políticas familiares como recurso de manutenção e promoção, neste caso, do *Kreyol*, a língua originária do povo haitiano.

Dentre outras situações mencionadas pelos participantes em resposta à questão 25, apresentamos a menção do participante 010:

PARTICIPANTE 010-R:25

Sim, *Fosref, croix-rouge, groupe des jeunes pour le développement du centre, etc...* Porque todas essas atividades me ajudam a crescer e beneficiar bastante coisas ao longo da minha vida. (Questionário de 07/11/2022).

Apesar de não ser uma atividade cultural, no caso do exposto pelo participante 010, identificamos que atividades relacionadas às ações como a da Cruz Vermelha (*Croix-rouge*), em que há uma predisposição pela ajuda humanitária, compreendem o seu foco de interesse. Inferimos que nessa menção pode haver uma correlação com os acontecimentos e desastres ambientais que assolaram o Haiti e que, de certo modo, contribuíram e impulsionam para as ondas de emigração do país.

Acrescentamos, ainda, que três (3) participantes disseram não participar de atividades culturais no Haiti, dois (2) mencionaram que fazia um tempo que haviam participado ou que “não mais” participavam. Essas cinco (5) respostas são bem sugestivas, pois temos três (3) participantes que não justificam a negativa, o que nos impossibilita construir uma hipótese assertiva, e dois (2) que nos permitem inferir que “não participam mais” porque não estão no Haiti.

Essa questão sobre o não sentir-se mais parte por não estar mais no país de origem e o sentimento de retorno ao Haiti será tecida na seção seguinte que trata dos motivos que os levaram a migrar e os planos que têm para regressar ou não ao Haiti.

5.5 DE ONDE VIM, ONDE ESTOU, PARA ONDE VOU, ONDE PERMANECEREI

Para refletirmos sobre o sentimento de pertencimento e de transmissão linguístico-identitária aos seus filhos, bem como sobre os motivos que levaram esses imigrantes a saírem das suas terras, iniciaremos as considerações por meio da questão 30. *Por que você saiu do Haiti e veio para o Brasil?*

Conforme já discutido no Capítulo 3, na seção 3.3.1, alguns dos nossos participantes mencionaram terem migrado para o Brasil em busca de uma vida melhor ou pela oportunidade de estudo; outros estavam somente de passagem, pois tinham outro destino em mente, mas optaram por ficar no país, como podemos verificar nos seguintes enunciados:

PARTICIPANTE 009-R:25

A gente veio depois do terremoto para uma vida melhor, garantir os estudos dos meninos, e estudar também. (Questionário de 07/11/2022).

PARTICIPANTE 008-R:25

Vim para trabalhar e continuar meus estudos, embora o projeto do estudo está bem atrasado, mas ainda estou tentando. (Questionário de 07/11/2022).

PARTICIPANTE 003-R:25

Eu estava em viagem para conhecer alguns países na América Latina e conheci vários mesmo, que é uma experiência incrível, mas o meu destino final era a França e quando eu cheguei no Equador, em Quito, no capital, fazia muito frio, chuva todos os dias e iria demorar um pouco o processo da documentação para ir na Europa, daí eu decidi vir pro Brasil, peguei o visto e vim, mas na intenção de fazer a continuação da minha viagem, mas quando eu cheguei aqui eu comecei a criar outras expectativas, daí os anos estão se passando e eu aqui fazer morada. (Questionário de 07/11/2022).

É evidente no discurso dos participantes, bem como em reportagens publicadas por diversos meios de comunicação no transcorrer dos anos, que a instabilidade política do Haiti contribuiu para que muitos haitianos emigrassem do país, condição também reforçada por questões de ordem catastróficas, como, por exemplo, aquelas resultantes do terremoto que assolou a nação haitiana em 2010. Assim, frequentemente, os haitianos saem do seu país de origem e se deslocam para outros países em busca de novas oportunidades, seja no campo econômico ou educacional.

Ao optarem por emigrarem são colocadas em ponderação diferentes questões e circunstâncias, que envolvem desde a escolha daquele que vai sair do país ao que se espera encontrar/alcançar na nova nação e, sendo imigrante, uma vez instalado em outro país, já ouviu pelo menos uma vez esta pergunta: *Você pensa em voltar para seu país? É uma pergunta clássica. Mas e quando o imigrante se estabelece, constitui família e tem filhos nascidos no país que o acolheu, ele ainda cogita voltar para o país de origem? Foi o que procuramos levantar com a questão 31. Você pensa em voltar para o Haiti e levar os seus filhos junto com você? Por quê?*

Nove (9), dos dez (10), participantes manifestaram o desejo de voltar para casa em algum momento, alguns para “matar a saudade” ou para levar os filhos para conhecerem as suas origens, mas com a intenção de voltar para o Brasil, como relata o participante 008:

PARTICIPANTE 008-R:31

Não. Pretendo visitar e para mostrar a ele o nosso país. (Questionário de 07/11/2022).

outros pensam em voltar para o Haiti e permanecer lá com os seus filhos e familiares, como enfatizam os participantes 010, 009 e 003:

PARTICIPANTE 010-R:31

Claro, mesmo que não sei se vai mudar a situação agora, mas é meu país, eu queria voltar pra viver com meus filhos. (Questionário de 07/11/2022).

PARTICIPANTE 009-R:31

Meu desejo é voltar e levar eles comigo, mas eles já se acostumaram, e ninguém sabe o que o tempo traz com ele. Gostaria voltar para ajudar no desenvolvimento da terra onde nasci, e o meus filhos comigo seria muito gratificante. (Questionário de 07/11/2022).

PARTICIPANTE 003-R:31

Sim, e eu não tenho dúvida disso, um dia eu vou levar para conhecer o Haiti, os parentes, familiares e amigos, pra mostrar lugares incríveis que a nossa terra tem é um tipo voltando pelas raízes. (Questionário de 07/11/2022).

Esses três enunciados apresentados são representativos daqueles participantes que têm a intenção de voltar para o Haiti e de permanecer lá com os seus filhos. Além de reforçarem o sentimento de pertencimento e de retorno à pátria mãe, esses três enunciados dizem muito sobre esses imigrantes haitianos que têm a esperança de voltar para contribuir no desenvolvimento da terra onde nasceram.

Lembramos que um (1) dos participantes afirmou não ter a intenção de voltar a morar no Haiti. Para esse participante, voltar para o país de origem não é uma decisão exclusivamente sua, pois os seus filhos também têm direito de decidir onde querem viver:

PARTICIPANTE 001-R:31

Eu não penso em voltar para morar mais lá, nem levar eles comigo se um dia eu tomar a decisão de voltar, ao meu ver eles tem o direito de viver no seu país, mais para frente se quiserem ir, vai ser decisão deles. (Questionário de 07/11/2022).

Voltar ao país de origem com os filhos é o desejo de muitos, porém como menciona o participante 001, os descendentes têm o direito de viver no país deles e não cogitar o mesmo desejo que os pais, até porque não têm muito conhecimento das suas origens. Entretanto, uma visita para vivenciar tudo que foi contado e imaginado sobre o país de seus progenitores é necessária, já que através desta aventura será possível experienciar em sua própria herança identitária-cultural e quem sabe o sentir-se parte se intensifique, contribuindo para que as futuras gerações contem as suas próprias histórias

sobre o Haiti, não ficando restritos às memórias contadas através das lembranças dos pais, uma vez que a “atitude lingüística assumida pelo falante implica a noção de identidade, que se pode definir como a característica ou o conjunto de características que permitem diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro” (AGUILERA, 2008, p. 105-106).

Rajagopalan (2003, p. 69), ressalta que as “línguas são a própria expressão das identidades de quem delas se apropria”. Logo, vemos no *Kreyol* a representatividade da marca identitária do haitiano. Quando se trata de marcar a sua identidade, a escolha linguística pressupõe sempre uma luta, seja pela equidade, seja pelo direito de uso, e no caso do *Kreyol* não é diferente, pois o “fato é que, em um território em que emerge uma língua crioula, há uma luta constante por legitimidade desse falar” (NUNES, 2021, p.43).

5.6 PARTICIPANTE 009: UM ESTUDO DE CASO

Minayo (2001), citado por Gerhardt e Silveira (2009), afirma que a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações. Sob esta perspectiva e considerando que o uso do *Kreyol* na comunidade haitiana envolve questões sociais, interesses culturais, que versam sobre as suas origens, optamos por complementar a presente pesquisa com um estudo de caso, tendo em vista que foi a partir do vivenciado pelo participante 009 e por sua família que instauramos a temática, a problemática e a justificativa que nos motivaram e possibilitaram que desenvolvêssemos este Trabalho de Conclusão de Curso.

O participante 009 chegou no Brasil, em 2012, com quatro (4) filhos e teve o seu quinto (5) filho aqui no Brasil. Para a análise deste estudo de caso, a experiência dos três filhos menores será tida como base. Nesse sentido, para mantermos o raciocínio, nos referimos aos filhos da seguinte forma: A01 (a terceira, de 17 anos), A02 (o quarto, de 16 anos) e A03 (o último, de 9 anos), neste caso o brasileiro.

A língua falada em casa é o *Kreyol*, mas depois de passarem a frequentar a escola brasileira, A01 e A02 somente se comunicam em Português, fazendo o uso do *Kreyol* somente na hora de falar com o pai que morava no Haiti e não falava o Português.

Na atualidade os filhos ainda se comunicam em *Kreyol* com o pai que está morando nos Estados Unidos por conta da situação política do Haiti. Dentro de casa, as crianças têm o costume de ouvir músicas religiosas do Haiti, nas duas línguas (*Kreyol* e Francês), leem livros de histórias e de vez em quando o participante 009 conta algumas lendas e histórias da sua infância e do país.

A01 que está com 17 anos, A02 com 16 anos e A03 com 9 anos, apresentam domínios diferentes do *Kreyol*. O filho A01 entende, porém não usa no cotidiano; já A02 tem muito mais vocabulário que A01 e consegue ter uma conversa em *Kreyol* sem necessariamente usar o português; contudo, A03 somente fala português, usa o *Kreyol* apenas quando lhe são ditadas as palavras (nas ligações com a avó) para que ele as pronuncie na interação com a avó.

Podemos dizer que no caso de A03, o *Kreyol* caracteriza-se como uma LH, pois esse filho não adquiriu a língua dos seus pais e irmãos através das trocas cotidianas, sendo a Língua Portuguesa a sua Língua Primeira. A esse respeito, Limberger (2020, p. 897) enfatiza que os “resultados sugerem que, quando duas línguas estão livremente disponíveis a um falante, o custo do processamento da língua de herança é menor, refletindo o uso linguístico mais comum na comunidade”.

A relação dos filhos do participante 009 com o *Kreyol* é, de certa forma, abstrata, uma vez que desconhecem a história de vida advinda dessa língua e demonstram pouco interesse em se aprofundar no assunto ou em resgatar as tradições e culturas pelas quais os seus progenitores e antepassados lutaram para conquistar. Supomos que esta falta de interesse sobre o país de origem decorra da falta de iniciativa por parte do participante 009, bem como das irmãs mais velhas (27 e 26 anos) que, por desconhecimento de estratégias de manutenção do ensino do *Kreyol*, acrescido da falta de iniciativas de políticas linguísticas tanto brasileiras como haitianas que promovessem a manutenção da língua de berço desses imigrantes em solo brasileiro, bem como no próprio Haiti, haja vista que no seu próprio país o *Kreyol* é pouco valorizado, não sabem como desenvolver políticas linguísticas familiares para manter o seu vernáculo vivo.

Boruchowski (s.d.) sugere em seu estudo, no caso da língua portuguesa, algumas políticas linguísticas de cunho familiar que podem ser desenvolvidas e inseridas no cotidiano e na rotina das famílias imigrantes, para manter e promover a sua língua originária e que podemos adaptar ao contexto da nossa pesquisa, como, por exemplo: “cada responsável falará a sua língua nativa com a criança; todos os dias, durante o jantar, todos falarão português [*kreyol*]; dentro de casa só se fala português [*kreyol*]; com

os adultos só se fala português [*kreyol*], etc” (BORUCHOWSKI, s.d., p. 9-10).

Tendo como base as proposições de Boruchowski (s.d.) e o exposto anteriormente, constatamos que o *Kreyol* é a língua de uso em casa, mas mesmo assim observamos um apagamento e/ou redução no uso (A01 e A02) ou ainda uma não aquisição (A03) dessa língua originária entre os três filhos em análise. Inclusive, podemos considerar como uma política familiar, como foi mencionado nos capítulos anteriores, a culinária haitiana que é o meio mais usado pelos imigrantes para transmitir uma parte da cultura do Haiti.

A esse respeito, destacamos que o participante 009 mantém viva uma das tradições culinárias do Haiti aqui no Brasil, trata-se do famoso *Soup Joumou* (Sopa de abóbora), uma forma de celebrar a independência do Haiti e que é servida todo dia primeiro de Janeiro. Concordamos com Boruchowski (s.d.) de que a manutenção das tradições é uma forma de manter e de transmitir a cultura do país de origem para os descendentes nascidos no estrangeiro.

Assim, verificamos que no quesito sabor, A01, A02 e A03 quase sempre fazem essa comparação entre a comida haitiana e a comida brasileira, preferindo em alguns momentos a brasileira e em outros a haitiana, como, por exemplo, o churrasco em que há uma preferência pela preparação a moda haitiana ou o não consumo do abacate com pão no café da manhã que é uma forma de desjejum do haitiano. No que se refere à música, os três irmãos têm o costume de ouvir o ritmo haitiano, mas por escolha de outros participantes da família, uma vez que, por não ter uma relação significativa com uma comunidade haitiana, eles optam sempre pela música brasileira.

Este breve estudo de caso sobre o participante 009 foi uma forma de tentar exemplificar como ocorre a relação familiar haitiana e haitiana-brasileira em um contexto de imigração, neste caso brasileiro, como também de compartilhar as poucas práticas de transmissão da cultura haitiana e do *Kreyol* como LM e LH. A esse respeito, reiteramos que é preciso fomentar iniciativas e políticas linguísticas familiares que visem a transmissão e a promoção da manutenção da língua de origem desses imigrantes haitianos entre si mesmos e entre os seus descendentes.

Renauld Gobain (2017, p. 3) afirma que “o poder de uso de uma língua em relação a outra é intrínseco e depende do grau de prestígio que os falantes atribuem a cada uma dessas línguas, da forma como se identificam com ela, como as representam para si mesmos”. No entanto, a partir do exposto por Boruchowski (s.d), entendemos ser possível desenvolver práticas que contribuam para a conservação do *Kreyol* nas

comunidades de fala imigrantes, visando garantir que a LM desses esteja presente no futuro e na voz de seus descendentes. Para tanto, podem ser desenvolvidas atividades culturais entre os próprios familiares e nos grupos de imigrantes existentes em cada localidade, a fim de promover as tradições culturais e linguísticas do país de origem.

Sabemos que o contato diário com a comunidade majoritariamente falante da outra língua, neste caso de português, é um fator de peso que influencia tanto na manutenção da LM dos pais e dos familiares desses imigrantes como na aquisição por parte de seus descendentes, pois quase sempre é escolhida a língua do país de acolhimento. Portanto, uma opção seria a de praticar e manter viva a língua de origem dentro da casa, a fim de propiciar um melhor desempenho do *Kreyol* como LM ou como LH para aqueles que ainda não a adquiriram como Língua Primeira.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos, com base no referencial teórico, que há uma pressão da elite letrada haitiana em manter o *status* atribuído à Língua Francesa, bem como do povo que não quer o *Kreyol* como língua de ensino. No entanto, é impossível não nos questionarmos a nós próprios, principalmente, quando olhamos de fora do Haiti o que, por séculos, vivenciamos e, de certo modo, silenciemos.

Certamente, a relação dos falantes com a língua é significativa, porém as Políticas Linguísticas do país promovem, de forma constante, o Francês. Inclusive, a maioria dos jornais, os dicionários, os meios de comunicação se utilizam da Língua Francesa, sabendo que somente uma minoria dos haitianos poderá acessar totalmente essas informações. Como futura docente, ao nos pautarmos em todo o contexto linguístico, histórico, cultural, identitário, econômico e político apresentado, consideramos ser muito benéfico começar pela conscientização da população haitiana sobre o valor do *Kreyol* e o que ele representa.

Entendemos que muito foi conquistado com o Francês pelos grandes nomes da literatura haitiana, vale mencionar alguns como: Jacques Stéphen Alexis, Jacques Roumain, René Depestre, Jean Metellus, Dany Laferrière e Franketienne com sua obra intitulada *Dézafi*. Doravante, tanto os alunos e os docentes, como a nação haitiana como um todo, precisam dessa desconstrução sobre o papel e a função atribuída ao *Kreyol*, tendo em vista que os professores começam com este trabalho de prestigiar o Francês, quando acreditamos que se deve prestigiar as duas línguas e não impor uma delas à sociedade.

Portanto, são necessárias e urgentes que se planejem políticas linguísticas que se atentem para esses temas e que envolvam a sociedade nos debates, para que esta tenha acesso e faça parte das tomadas de decisão, visto que as ações políticas repercutem na e para a sociedade. Dessa maneira, é imprescindível que em uma “democracia todos os cidadãos [tenham] o mesmo direito de expressar suas opiniões e serem consultados na tomada de decisões” (RAJAGOPALAN, 2013, p. 23). Isto é, seja linguista, seja cidadão, todos têm o direito de ser consultados, pois “o que está em jogo, a meu ver, é o futuro de uma língua nacional ou outras questões de tamanha importância sobre as quais todos os cidadãos – sem exceção – têm ou, se não tem, devem ter direito igual e irrestrito de opinar” (RAJAGOPALAN, 2013, p. 22), porque “quanto mais

democrático for um dado sistema político, tanto mais ele proverá pela cidadania” (RAJAGOPALAN, 2013, p. 37).

Ao correlacionar a fundamentação teórica disposta no Capítulo 3 com o contexto histórico-identitário do *Kreyol* apresentado no Capítulo 2, procuramos interpretar os dados levantados por meio do questionário sociolinguístico, respondido por dez (10) imigrantes haitianos que, atualmente, vivem no Brasil e possuem filhos nascidos em solo brasileiro. Para tanto, ao partirmos dos objetivos elencados para a execução do estudo, verificamos que os três primeiros objetivos (1. Resgatar alguns dados da origem do *Kreyol* e relacioná-los ao contexto histórico-político do Haiti; 2. Ilustrar alguns fatos sobre o valor do *Kreyol*, em relação ao Francês, para o povo haitiano; 3. Refletir sobre a representação que os haitianos têm da sua Língua Primeira, o *Kreyol*, em relação à Língua Francesa e com a construção da sua identidade;) foram articulados, principalmente, com o Capítulo 2 (Haiti). Inclusive, por meio desses três primeiros objetivos foi possível compreender a razão de os participantes informarem que o *Kreyol* representava para eles a sua identidade, a sua raiz.

No que diz respeito ao quinto objetivo (5. Verificar qual é a Língua Materna dos descendentes de haitianos imigrantes que vivem no Brasil;), constatamos que, apesar de os participantes da pesquisa afirmarem ser a Língua Portuguesa a LM do seus filhos nascidos no Brasil, no transcorrer das perguntas do questionário constatamos que mais de 50% dos filhos brasileiros falavam outras línguas, principalmente o *Kreyol* e o Francês. Logo, pudemos inferir que, no entendimento dos participantes, somente era possível ter uma (1) LM. No entanto, com base em Pupp Spinassé (2006), foi possível constatar que, na verdade, esses brasileiros descendentes de imigrantes haitianos, eram bilíngues em mais de uma LM, pois falam o Português e o *Kreyol* e/ou o Francês.

Com base nesses dados apresentados para o quinto objetivo, retomamos o quarto (4. Verificar se os haitianos imigrantes participantes desta pesquisa fazem uso do *Kreyol* e se desenvolvem ações de manutenção e de ensino desta língua para com os seus descendentes;) para dar continuidade à interpretação dos resultados gerados. A leitura, descrição e análise dos questionários demonstrou que a língua de casa é o *Kreyol*. Porém, também reportou que o contexto familiar é um espaço sociolinguisticamente complexo, pois sugere a utilização de práticas linguísticas diversas e específicas. Isto é, tem-se o uso do *Kreyol* pelos participantes e parte de seus familiares, mas tem-se, conjuntamente, o uso do Português, haja vista que alguns dos filhos brasileiros somente entendem e falam em Português. Inclusive, foi possível observarmos que alguns filhos

haitianos estão incorrendo no desuso do *Kreyol* ao fazerem uso praticamente apenas da Língua Portuguesa. Essa predisposição pelo uso de uma língua em detrimento de outra repercute no apagamento de uma delas, sendo, geralmente, a sua LM de berço substituída pela SL que é a língua majoritária e a dominante do país de acolhimento.

No que abrange a segunda parte deste quarto objetivo, constatamos que inconscientemente, ou não, os participantes desenvolvem políticas linguísticas familiares para manter viva e promover o uso da sua língua originária e da cultura do seu povo, seja por meio do uso do *Kreyol* nas práticas comunicativas cotidianas da casa, seja através do sabor da culinária haitiana que, por sinal é muito praticada por esses imigrantes que vivem no Brasil, ou seja pelo consumo de músicas em *Kreyol*. Talvez o que esteja faltando e que possa ser fomentado para ampliar a aderência às políticas linguísticas familiares em contextos de imigração, seja o acesso ao conhecimento científico que dê suporte e meios de construção de ações políticas efetivas de reconhecimento e disseminação da herança identitária do haitiano, isto é, do *Kreyol*, no próprio Haiti. A mudança precisa partir de lá para que ocorra aqui.

Podemos observar que os resultados obtidos com base no quarto e quinto objetivos respondem a nossa primeira problemática de pesquisa: 1. Como se dá a manutenção ou o incentivo do uso do *Kreyol* entre os imigrantes haitianos que vivem no Brasil?. Ao passo que esses dois objetivos, dão respaldo à segunda pergunta problema: 2. A sua prática ou não caracteriza-se como fruto de trocas comunicativas em torno de um viés de empregabilidade de Língua Materna ou suscita um resgate linguístico cultural sob o viés de Língua de Herança?, para a qual temos as seguintes conclusivas:

1. No que se refere aos participantes da pesquisa, verificamos que a sua LM são duas: *Kreyol* (língua primeira) e Francês (aprendida na escola pela maioria da população), mesmo que esta última em menor escala. Portanto, com base no referencial teórico podemos afirmar que no Haiti há uma diglossia e não um bilinguismo;
2. Quanto aos filhos haitianos que vieram junto para o Brasil, constatamos que, em alguns casos, a SL (Português) aprendida aqui está ocupando ou pode vir a ocupar o lugar das suas LMs (*Kreyol* e Francês) e que, segundo Pupp Spinassé (2006), é possível que a Língua Portuguesa venha a se tornar a LM desses filhos de imigrantes haitianos;
3. Em relação aos descendentes brasileiros desses imigrantes haitianos, observamos que, em alguns casos, temos a Língua Portuguesa como sua LM e, em outros, que

há filhos brasileiros que possuem duas LMs (*Kreyol* e o Português e/ou o Francês em menor escala).

Portanto, ao refletir sobre os depoimentos de cada participante, com ênfase na manutenção e na promoção do *Kreyol* como Língua Materna e/ou Língua de Herança (sexto objetivo) chegamos a essas três conclusões pilares da nossa pesquisa. Com base nas conclusões 2 e 3, podemos dizer que o *Kreyol* no Brasil possui tanto o caráter de LM como de LH. Para os imigrantes haitianos e uma parcela dos descendentes brasileiros, verificamos uma prática e a necessidade de manutenção do *Kreyol* como LM; já para os demais descendentes brasileiros, cuja LM é a Portuguesa, a promoção do *Kreyol* precisaria iniciar como um resgate de suas origens, ou seja, como LH.

Diante de todo o exposto, concluímos que a realização deste trabalho só foi pelo seguimento de determinados passos, que vieram a contribuir com o desenvolvimento da pesquisa e com o tratamento dos dados levantados por meio do questionário aplicado, sem os quais seria impossível expormos e argumentarmos em torno da nossa temática de estudo. Assim, consideramos que o levantamento bibliográfico sobre a Sociolinguística, no que compreende os conceitos da Língua Materna (LM), Segunda Língua (SL) e Língua de Herança (LH), foram fundamentais para o suporte teórico da pesquisa e basilares para entendermos o uso do *Kreyol* tanto para os imigrantes haitianos como para os seus descendentes, sejam os haitianos ou os brasileiros, pois somente a partir da compreensão do significado e da aplicação de cada conceito, nos foi possível refletir sobre o *Kreyol* como LM e LH.

Do mesmo modo, o levantamento histórico em torno do Crioulo haitiano enquanto marca identitária do Haiti, bem como sobre o campo das crenças e atitudes linguísticas, nos possibilitaram a reflexão sobre o processo político linguístico pelo qual passou e ainda passa o vernáculo de origem do nosso povo, um saber há muito camuflado e desconhecido para uma parcela da sociedade que não acredita na potencialidade e na riqueza da sua língua de origem. Inclusive, essa questão tornou-se uma curiosidade que nos é incutida quando estamos em contexto de imigração: Por que não inserir o *Kreyol* de forma concreta na sociedade haitiana?

Esta pergunta é feita por muitos colegas haitianos que frequentam a UNILA. Isso mesmo, é um questionamento realizado por nós haitianos. Mas qual seria a relação dessa pergunta com a temática do nosso estudo? Apesar dessa pergunta não compreender a problemática inicial deste Trabalho de Conclusão de Curso, de certa maneira, foi abordada e refletida no transcorrer desta tessitura discursiva, pois para

entendermos o que representa o *Kreyol* para os imigrantes haitianos que vivem no Brasil, foi preciso compreender o que o *Kreyol* significa para o povo haitiano, de uma perspectiva que parte do próprio seio do Haiti.

É importante ter claro que a representação que se tem de uma língua não pode ser modificada em um período curto. Tudo dependerá de como cada sociedade se relaciona com a sua língua oficial, co-oficial ou, ainda, não oficial, e os instrumentos usados para promover tal língua naquela comunidade de fala, seja esta de cunho local ou nacional. O que podemos dizer no caso do Crioulo haitiano é que o *Kreyol* tem uma conexão mais profunda com o povo haitiano do que a Língua Francesa. Mesmo com a constituição de 1987, que tornou o *Kreyol* oficial, não mudou muita coisa nos espaços em que o Francês é utilizado, como, por exemplo, nas esferas judiciais, políticas, de ensino, etc, pois apesar do *Kreyol* conseguir ocupar outros espaços, o francês continua sendo a língua dominante, embora seja uma língua praticada por uma parcela menor da sociedade haitiana.

É complicado explicarmos o porquê de não conseguirmos até a presente data, inserir o *Kreyol* de forma mais marcante no Haiti. Tentamos com o Capítulo 2, que trata do Haiti, apresentar um breve panorama político-linguístico do país, mas é complicado entendermos porque um povo escravizado que se uniu para se libertar da opressão e da escravidão, sendo “a primeira república negra da humanidade, a primeira libertação dos escravos negros do mundo colonizado e a primeira nação formada por ex-escravos” (PIMENTE; COTINGUIBA; RIBEIRO, 2016, p. 32), ainda se mantém presa às amarras da língua do colonizador.

Sendo assim, por entendermos que a pesquisa é uma constante, uma vez incutido em nós reflexões pautadas em conhecimento científico de cunho político linguístico, podemos acrescentar que todo o saber adquirido nos instiga a continuar a discussão de nossa temática, ampliando o escopo de atuação para o território haitiano, com vistas a verificar se há ou não políticas linguísticas que visem a promoção da equidade das Línguas Oficiais do Haiti, bem como da valorização e inserção do *Kreyol* no âmbito do ensino haitiano.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA CORTE, Álvaro. La adquisición y el desarrollo lingüístico de los hablantes de herencia de español: un estudio de caso basado en la investigación-acción en el aula. In **Revista Nebrija de Lingüística Aplicada a la Enseñanza de las Lenguas**, n.13, 2013. Disponível em: <<https://www.nebrija.com/revista-linguistica/la-adquisicion-y-el-desarrollo-linguistico-de-los-hablantes-de-herencia-de-esp%C3%B1ol.html>>. Acesso em: 10/08/2022.
- AGUILERA, Vanderci. de A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. In **Revista Estudos Lingüísticos**, São Paulo, v.2, p.105-112, 2008. Disponível em: <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N2_11.pdf>. Acesso em: 10/12/2022.
- ANTOINE, Erique Loubens Alerque. **Bassin Bleue**. Hidden Sides Of Haiti/fotografia. 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Ch5iTvEp0II/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>>> Acesso em: 10/11/2022
- BORUCHOWSKI, Ivian; LICO, Ana. O que é uma língua de herança? In BORUCHOWSKI, Ivian. **Como manter e desenvolver o português como língua de herança**: Sugestões para quem mora fora do Brasil. Miami. [s.n.], p. 9-1. Disponível em: <[https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Montreal/pt-br/file/lingua%20de%20heranca\(1\)\(2\).pdf](https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Montreal/pt-br/file/lingua%20de%20heranca(1)(2).pdf)>. Acesso em: 05/12/2022.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.
- CALVET, Louis-Jean. **As políticas lingüísticas**. Tradução de Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen e Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2007.
- CAVALCANTE, L; Oliveira, T.; Macedo, M; Imigração e Refúgio no Brasil. **Relatório Anual 2020**. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2020
- CEZARIO, Maria M; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In MARTELOTTA, Mário E. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 141-153.
- COELHO, Izete L. *et. al.* **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- CHAGAS, Lucas Araújo. **Entre experiências e indícios**: o ensino de português para estrangeiros em contexto de imersão linguística. 2016. 110f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Uberlândia, 2016.
- CHAUDENSON, R. et Vernet, P. **L'École en créole, étude comparée des réformes des systèmes éducatifs en Haïti et aux Seychelles**. Paris: ACCT, 1983.

CITADELLE. Hidden Sides Of Haiti. **La citadelle la ferrière.fotografia**. 2020. Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/ChmsCjAL-ox/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>> Acesso em: 10 /11/2022

COTINGUIBA, G. C. **Imigração haitiana para o Brasil: a relação entre trabalho e processos migratórios**. 2014. Dissertação (Mestrado em História e Estudo Culturais) – Fundação Universidade Federal de Rondônia (Unir), Porto Velho, 2014.

EASYVOYAGE. **La côte des Arcadins**. Fotografia. 2020. Disponível em < <https://img.ev.mu/images/attractions/8137/960x640/772789.jpg>> Acesso em: 10 /11/2022

FURIAN , Peter Hermes / Alamy Foto de stock. **Mapa político de Haïti**. 2015. Fotografia. 7745 x 6000 pixels. Disponível em: < <https://www.alamy.es/foto-mapa-politico-de-haiti-80887511.html>> . Acesso em: 10 /11/2022

GARCEZ, Pedro M. Observatório de políticas linguísticas no Brasil: metas para a Linguística Aplicada. In NICOLAIDES, Christine *et al.* (Orgs). **Política e políticas linguísticas**. Campinas, SP: Pontes, 2013, p, 79-92.

GARGALLO, Isabel Santos. **Lingüística aplicada a la enseñanza-aprendizaje del español como lengua extranjera**. 3. ed. Madrid: Arcos libros, 2010.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GOVAIN, Renauld - **Pour une politique linguistique en Haïti aujourd’hui**.

Port-au-Prince. 2017. Disponível em:

<<https://berrouet-oriol.com/linguistique/politique-linguistique-en-haïti/#:~:text=Ha%C3%A9ti%20est%20un%20pays%20officiellement,le%20cr%C3%A9olecomme%20instrument%20de%20communication>>. Acesso em: 07/09/2022

GROVES, Jackson **Labadee**. Hidden Sides Of Haiti/Fotografia. 2020. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CgPyjnaJrx7/?ingrid=YmMvMTA2M2Y=>> Acesso em: 10 /11/2022

HAITIAN MUSIC. Kompa. In **Haitian music**. Disponível em:

<<https://www.haitianmusic.net/popular-haitian-music/kompa/>>. Acesso em: 12/12/2022.

HAYLE, Carolyn E. **Haiti**. Mona School of Business and Management, The University of the West Indies, Mona, Jamaica. 2016.

HANDERSON, Joseph. A historicidade da (e)migração internacional haitiana. O Brasil como novo espaço migratório. **A Imigração Haitiana 4 no Brasil: Características Sociodemográficas e Laborais na região sul e no Distrito Federal - CAPÍTULO VI**. 2016.

IMDH. Glossário. **Instituto Migrações e Direitos Humanos**. São Paulo, 2014. Disponível em: <<https://www.migrante.org.br/imdh/glossario/>>. Acesso em: 02/03/2022.

LIMBERGER, Bernardo Kolling; KÜRSCHNER, Sebastian; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; MOZZILLO, Isabella. Línguas minoritárias. In **Revista linguagem & ensino**, Pelotas, v. 23, n. 4, out./dez., 2020.

LÔPO RAMOS, A. A. (2021). Língua adicional: um conceito “guarda-chuva”. In **Revista Brasileira De Linguística Antropológica**, 13(01), 233–267, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.26512/rbla.v13i01.37207>>. Acesso em: 15/11/2022

MILESI, Rosita. Haitianos no Brasil: Dados estatísticos, informações e uma recomendação. In **Instituto Migrações e Direitos Humanos**. São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://www.migrante.org.br/migracoes/migracao-haitiana/haitianos-no-brasil-dados-estatisticos-informacoes-e-uma-recomendacao/>>. Acesso em: 08/12/2022

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

NUNES, Ariele Helena Holz. **Com quantos vocábulos se faz uma língua de prestígio?: os idiofones haitianos como marca enriquecedora das línguas crioulas**. 2021. 295f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2021.

OLIVEIRA, Gilvan M. de. Políticas linguísticas como políticas públicas. 2013. Disponível em <http://e-ipol.org/wp-content/uploads/2013/06/Políticas_linguísticas_e_Políticas_publicas.pdf>. Acesso em: 03/12/2022

OLIVEIRA, Gilvan M. de. Línguas de fronteira, fronteiras de línguas: do multilinguismo ao plurilinguismo nas fronteiras do Brasil. In **GeoPantanal**. 21,11: 59-72, 2016. Mato Grosso do Sul. Disponível em: <<http://seer.ufms.br/index.php/revgeo/article/view/2573/2347>>. Acesso em: 30/11/2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **O que é linguística**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

PAIVA, V. L. M. O. Linguagem e aquisição de segunda língua na perspectiva dos sistemas complexos. In BURGO, V. H.; FERREIRA, E. F.; STORTO, L. J. (Orgs.). **Análise de textos falados e escritos: aplicando teorias**. Curitiba: Editora CRV, 2011, p. 71-86. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/langaqsac.pdf>>. Acesso em: 02/12/2022.

PALAIS SANS SOUCI. Hidden Sides Of Haiti. **Palais sans souci**. Fotografia. 2020. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CgxSTSMpY0K/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>> Acesso em: 10 /11/2022

PIMENTEL, Marília L., COTINGUIBA, Geraldo C., e RIBEIRO, Ailton A. da S. O crioulo haitiano e o seu reconhecimento político. In **Universitas Relações Internacionais**. Brasília, v. 14, n. 1 jan./jun. 2016

PRÓ-HAITI. UNILA (Universidade Federal da Integração Latino-Americana), 2015. Disponível em: <<https://unila.edu.br/noticias/pro-haiti-5L>>. Acesso em: 01/11/2022.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola, 2003.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Política linguística: do que é que se trata, afinal? In NICOLAIDES, Christine *et al.* (Orgs). **Política e políticas linguísticas**. Campinas, SP: Pontes, 2013, p. 19-42.

RAMOS, Quézia C. M. **Espanhol como língua de herança**: um estudo das crenças e atitudes linguísticas. 2020. 117f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Cascavel, 2020.

RAMOS, Quézia C. M.; BUSSE, Sanimar. Espanhol como língua de herança: (re)construindo identidades. In: RIBEIRO, Simone B. C; BELONI, Wânia C. **Pesquisa em políticas linguísticas e ensino de línguas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021, p. 109-124.

ROCHA, Leonel; ARANHA, Ana. O que fazer com os imigrantes do Haiti? O Brasil recebe cada vez mais haitianos que fogem da devastação após o terremoto. A lei não permite que eles sejam acolhidos como refugiados. In **Revista Época** (on-line), 2011. Disponível em:
<<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0..ERT208935-15223-208935-3934.00.html>>. Acesso em 07/12/2022.

RODRIGUES, Luiz Carlos Balga. **Francês, crioulo e vodu**: a relação entre língua e religião no Haiti. 2008. 259 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

RODRIGUES, Bruno C. **Ensino de português como língua adicional para hispanofalantes**: uma proposta de material didático para o ensino de leitura e escrita em níveis iniciais. Porto Alegre, 2013. Monografia de conclusão de curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. 2013.

SOARES, Mariana S. et al. A alternância de códigos no contexto da educação bilíngue: code-switching, code-mixing e as transferências linguísticas. In **Revista Gatilho**, v. 15. p. 1-16, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/gatilho/article/view/27015>>. Acesso em: 02/12/2022.

SPINASSÉ, Karen Pupp. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. In **Revista Contingentia**, vol. 1, 01-10, 2006. Disponível em:
<<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/20578/000639062.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10/10/2022.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WIEDEMER, Marcos L. Ampliação da noção teórica da comunidade de fala na pesquisa sociolinguística. In **Anais do SILEL**. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 1-7.

APÊNDICE

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO

KREYOL NO BRASIL: LÍNGUA DE HERANÇA OU LÍNGUA MATERNA? A REPRESENTAÇÃO DO CRIOULO HAITIANO POR SEUS FALANTES IMIGRANTES QUE VIVEM NO BRASIL

Convido o(a) senhor(a) a participar da minha pesquisa que tem o objetivo verificar com os próprios imigrantes haitianos que vivem no Brasil veem o *Kreyol* e, a partir dessa representação, refletir sobre uma política de manutenção/incentivo do ensino e do uso do crioulo haitiano como Língua Materna ou de Herança.

Todas as informações serão mantidas em sigilo, sendo somente utilizadas para fins de minha pesquisa acerca do assunto.

A – DADOS PESSOAIS E SOCIOCULTURAIS

1. Idade: _____ ou Data de nascimento: ___/___/_____
2. Sexo/Gênero feminino (); Masculino (); Outro ()
3. Profissão: _____ Há quanto tempo atua? _____
4. Local de nascimento (país): _____
5. Você nasceu em qual cidade no Haiti? _____
6. Há quanto tempo você está morando no Brasil? _____
7. Qual é sua primeira língua? _____
8. Você fala outras línguas? Quais? _____
9. Com quantos anos aprendeu? _____
10. Qual a língua dos avós maternos? _____
11. Qual a língua dos avós paternos? _____
12. Você tem filhos? Quantos? _____
13. Os seus filhos moram com você aqui no Brasil? _____
14. Qual é a idade dos seus filhos? _____
15. Qual é a primeira língua dos seus filhos? _____
16. Os seus filhos falam outras línguas? Quais? _____

B – FUNÇÃO

17. A partir da escala: **1 = bem; 2 = regular; 3 = mal**):

17.1 Você fala o português: 1 () 2 () 3 () ;

17.2. Você entende o português: 1 () 2 () 3 () ;

17.3. Você lê o português: 1 () 2 () 3 () ;

17.4. Você escreve o português: 1 () 2 () 3 () ;

18. Qual língua você mais fala em casa: _____ no trabalho: _____

19. Qual língua os seus filhos falam em casa: _____

20. Você interage bem no português com outros falantes de português? Comente:

21. Os seus filhos interagem bem no português com outros falantes de português? Comente:

22. Os seus filhos interagem bem no crioulo com outros falantes de crioulo? Comente:

23. Você lê livros, ouve músicas, assiste filmes em outras línguas? Quais? Por quê?

24. Você costuma contar contos ou piadas em outras línguas? Quais? Para quem?

C – ATITUDES

25. Você participava de atividades culturais no Haiti? Quais? Por quê?

26. Como foi a sua experiência na escola com o crioulo e o Francês?

27. O que representa o crioulo pra você?

28. Os seus filhos conhecem a História do Haiti? Comente.

29. Você considera interessante que seus filhos falem o crioulo? Por quê?

30. Por que você saiu do Haiti e veio para o Brasil?

31. Você pensa em voltar para o Haiti e levar os seus filhos junto com você? Por quê?